

Macau 澳門



MEDICINA TRADICIONAL
PONTE PARA
EUROPA E
LUSOFONIA



ARTE URBANA
CORRENTE DE CORES
LIGADA À ELECTRICIDADE



CURSO DE MEDICINA
A PRIMEIRA GERAÇÃO DE
MÉDICOS LOCAIS



收藏

澳門郵票

Colección Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



集郵號碼 QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amelia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar, Sala 63
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

REVISÃO

António Martins

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

LAYOUT

Marta Gregório

DIRECÇÃO GRÁFICA

Ipsis Verbis Communication

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Bruna Pickler, Catarina Brites Soares, Catarina Domingues, Cláudia Aranda, Dalton Siteo (Moçambique), Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes, José Carlos Matias, José Luís Sales Marques, José Simões Morais, Juvenal Rodrigues (São Tomé e Príncipe), Hélder Beja, Lucas Calixto, Luciana Leitão, Marco Carvalho, Marta Curto (Portugal), Pedro Cativeiros (Moçambique) e Sandra Lobo Pimentel

TRADUÇÃO

LITS Macau

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages e Tiago Alcântara

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

Escaneie o nosso QR code e siga-nos
nas redes sociais



www.revistamacau.com



www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Do Editor

Luís Ortet

O tema que destacamos na capa desta edição tem como base um artigo sobre o processo de internacionalização das terapêuticas chinesas quer junto da União Europeia quer no universo dos países lusófonos e outras zonas do globo.

Uma conversa com o director executivo do Instituto de Medicina Tradicional, de Portugal, organismo que tem sido um dos principais parceiros internacionais do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa Guangdong-Macau, permite-nos conhecer o ponto em que se encontra esse processo de internacionalização no que à União Europeia diz respeito. Nomeadamente no que diz respeito à entrada de fármacos e suplementos da medicina chinesa na União Europeia via Portugal, onde essa medicina tradicional já está regulamentada.

Paralelamente Moçambique é visto, neste momento, como um país piloto da exportação da medicina tradicional tanto para África como para os restantes países lusófonos. O Governo de Cabo Verde também já assinou um acordo com o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa visando um aprofundamento da cooperação na mesma área.

Outro assunto que merece um trabalho jornalístico atento é o desenvolvimento da rádio em Macau nestes últimos 20 anos de existência da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), em que os dois canais, nas duas línguas oficiais da RAEM, têm vindo a crescer, privilegiando uma maior interactividade com os ouvintes e a adaptação às novas tecnologias.

Como habitualmente, dedicamos nestas páginas da MACAU uma atenção especial à cooperação sino-lusófona e a diversos aspectos da vida do território, incluindo as tradições culturais, como a ópera cantonense, cujas características principais são detalhadas num artigo dedicado ao tema.

O lançamento da primeira escola médica em Macau é assunto para uma entrevista com o reitor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Ciência e Tecnologia.

E na série dedicada ao projecto da Grande Baía de Guangdong-Hong Kong-Macau, que temos vindo a publicar, neste número a atenção vai para a cidade de Zhaoqing.

8

ACONTECEU

As principais notícias que marcaram a actualidade de Macau



14

AGRICULTURA DE MOÇAMBIQUE

Investimento chinês ajuda a formar produtores e a aumentar produção

20

MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

Macau entre a China, a Europa e o mundo lusófono

28

ACORDO ENTRE BANCOS

Macau reforça posição de plataforma comercial



36

GRANDE BAÍA: ZHAOQING

Reserva ecológica e indústria sustentável como grandes potenciais

42

NOVOS PLANOS PARA HENGQIN

Diversificação económica de Macau e base turística da China



48

JOVENS MÉDICOS A CAMINHO

Manson Fok, reitor da Faculdade de Ciências Médicas da MUST, em entrevista



56

RÁDIO GLOBAL

Emissões da rádio local chegam cada vez mais longe e a mais ouvintes





64

ARTE URBANA

Caixas de electricidade ganham nova cor pelos pincéis de artistas locais

68

ÓPERA CANTONENSE

A história e a evolução de uma das principais manifestações culturais de Macau



74

ARTE MACAU

O novo festival artístico que quer transformar a vida da cidade



80

LAI SUT WENG

O mundo sem presença humana de uma jovem artista local



84

ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS

Novidades e sugestões culturais para os próximos meses





Arraial de São João, o eterno padroeiro de Macau

Sardinhas assadas, bifanas, petiscos, artesanato e muita música em português. Assim foi o Arraial de São João, que encheu as ruas do bairro de São Lázaro entre os dias 22 e 23 de Junho. Com o maior número de sempre de bancas participantes – 45 contra as 30 de 2018 –, a festa teve de ocupar uma área maior e recebeu também mais verba este ano. Cerca de 10 grupos musicais subiram ao palco, com destaque para os portugueses Senza, havendo ainda espaço para desfiles e danças folclóricas. Naquela que é a 13ª edição, o presidente da Associação dos Macaenses considera que o arraial “já começa a criar raízes” e a fazer parte do calendário em Macau. “As pessoas começam a ter noção de que quando se chega a Junho vai haver qualquer coisa no Bairro de São Lázaro e isso já é muito bom. Estou a falar de pessoas chinesas que não estão muito habituadas aos arraiais, parece-me que isso é a primeira fase de uma conquista”, sublinhou Miguel de Senna Fernandes.





IPM com autorização para doutoramento em português

O Instituto Politécnico de Macau (IPM) foi autorizado pelas autoridades locais a abrir um curso de doutoramento em português. O curso tem a duração de três anos e será leccionado em português e chinês, pode ler-se no despacho publicado em Boletim Oficial. O IPM anunciou em Abril a intenção de lançar no próximo ano lectivo um programa de bolsas de estudo para atrair mais estudantes dos países de língua portuguesa, no âmbito dos futuros mestrados e doutoramentos da instituição. Actualmente, o instituto tem cerca de 200 alunos provenientes dos países lusófonos, um número que pode vir a crescer com o lançamento deste novo regime, que prevê uma dedução até 20 por cento do custo global das propinas.

Instituições de ensino superior de Macau, Porto e Aveiro reforçam cooperação

O Instituto Politécnico de Macau (IPM), a Universidade do Porto e a Universidade de Aveiro inauguraram no dia 5 de Julho a exposição “Cidades artísticas, Criações primorosas” com o objectivo de promover a interação cultural e artística entre a China e os países de língua portuguesa. “Através da troca de opiniões e exposição das suas obras artísticas, os professores e alunos das três instituições de ensino superior mostram as características culturais e o encanto artístico exclusivos das respectivas três cidades”, lê-se num comunicado do IPM. Entre as obras expostas até 14 de Agosto no campus principal do Instituto Politécnico de Macau encontravam-se “gravuras e outras formas de expressão, como pintura, design gráfico, criação audiovisual multimédia e obras de arte tridimensional”.

Morreu o jurista António Hespanha

Antigo coordenador científico da área de ciências jurídico-históricas e filosóficas do Curso de Direito e da Faculdade de Direito da Universidade de Macau (UM), António Hespanha morreu no dia 1 de Julho. “Manteve estreita cooperação com a Faculdade de Direito da Universidade de Macau, entre 1990 e 2000, tendo desenvolvido actividades lectivas e de investigação de relevo, dando também especial atenção aos temas da formação jurídica”, escreveu a UM num comunicado, sublinhado ainda a publicação de “várias obras e artigos de relevo, com especial interesse para Macau”. Jurista de formação e doutorado em História e Política Institucional Europeia, Hespanha foi director-geral do Ensino Superior, inspector do Ministério da Educação, assistente da Faculdade de Direito de Lisboa e professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



Santa Casa distinguida com medalha de mérito em Portugal

A Santa Casa da Misericórdia de Macau vai ser distinguida com uma medalha de mérito pela Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. O provedor da Santa Casa da Misericórdia, António José de Freitas, referiu que se trata “grande e muito agradável surpresa”. “Este ano tem sido de muito significado e, efectivamente, é mais um reconhecimento do trabalho colectivo que a Santa Casa tem desenvolvido em prol da colectividade”, afirmou. A atribuição da medalha de mérito à mais antiga instituição portuguesa em Macau, que assinala 450 anos de existência, chega depois de, a 1 de Maio, o próprio provedor ter sido condecorado pelo Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, durante a visita oficial a Macau.



Associação de Bancos defende reconhecimento internacional da moeda chinesa

O presidente da Associação de Bancos de Macau e da sucursal local do Banco da China afirmou que a região assume um papel importante no reconhecimento internacional da moeda chinesa, o renminbi. À medida que os contactos comerciais entre a China e os países de língua portuguesa se aprofundam, reforça-se o reconhecimento internacional da moeda chinesa, sustentou Li Guang no início de Julho, durante um simpósio no qual se debateu o papel de Macau na estratégia nacional e internacional de Pequim de investimento em infra-estruturas que permitam ligar Ásia, África e Europa, designada de “Uma Faixa, Uma Rota”. Por isso, defendeu que “Macau deve melhorar os serviços de liquidação de renminbi com estes países em termos de amplitude e profundidade”.

Pequim emite milhões em títulos de dívida em Macau

O Governo Central emitiu em Julho em Macau títulos de dívida do Estado, no valor de 2000 milhões de yuans. Num comunicado, o Governo de Macau referiu que a iniciativa – que acontece no ano que em se assinala o 20.º aniversário da RAEM – “simboliza uma nova etapa do desenvolvimento do mercado financeiro de Macau” e demonstra o apoio de Pequim a esse trabalho e ao de “promoção da diversificação da economia local”. Ainda segundo uma nota do Gabinete do Porta-voz do Governo, “a emissão de títulos permite acelerar a construção das infra-estruturas e uma base sólida para o futuro desenvolvimento do mercado de títulos de Macau”.



Reconduzidos quase 80% dos membros do colégio eleitoral

Quase oito em cada dez membros do colégio eleitoral que vai escolher este mês o próximo Chefe do Executivo, são os mesmos que, há cinco anos, reelegeram Chui Sai On. Na lista deste ano, encontram-se 85 novos nomes, ou seja, o equivalente a um quinto do universo de 400 membros. Entre eles figuram os nomes de Francis Tam, antigo secretário para a Economia e Finanças, e de Cheong U, ex-titular da pasta dos Assuntos Sociais e Cultura. Outra cara nova é o empresário Lawrence Ho, filho de Stanley Ho,

que faz a sua estreia igualmente pela via da CCPPC. No sector educacional, destaca-se a entrada de Lei Heong Iok, ex-presidente do Instituto Politécnico de Macau, e de Leong Lai, antiga directora dos Serviços de Educação e Juventude. Já no grupo profissional surgem os advogados Miguel de Senna Fernandes e Paulino Comandante.



Semanário *Plataforma* lança três novas marcas

O semanário Plataforma Macau apresentou três novos projectos nas celebrações do quinto aniversário, assinalado com a organização de uma conferência. Sobre a Plataforma Grande Baía, o administrador Paulo Rego adiantou que o objectivo é fazer roadshows e conferências em Macau, no

espaço lusófono e na região da Grande Baía, que Pequim quer transformar numa metrópole mundial. A Plataforma Azul traduz a “extensão do projecto para a sua responsabilidade social” e a Plataforma de Sabores nasce para “abordar o eixo das trocas culturais a partir da gastronomia”, indicou.

NÚMEROS

MOP 908

milhões de patacas
de mercadorias exportadas por
Macau em Maio (-15,5%)

3,39

milhões
de visitantes em Maio (+25,6%)

1.158.000

hóspedes nos hotéis e pensões
de Macau em Maio (- 1,7%)

4,72

milhões
passageiros no aeroporto de
Macau no primeiro semestre do
ano (+18%)

*comparações referentes ao mesmo
período dos anos transactos



Governo promove 'apagão' em campanha de poupança energética

O Governo de Macau promoveu no dia 10 de Junho um 'apagão' em pontes, resorts e locais turísticos como forma de sensibilizar para a poupança energética. Entre as 20h30 e as 21h30, as três pontes que ligam Macau e a Taipa, seis resorts e alguns locais turísticos desligaram as luzes ao longo de uma hora. De acordo com uma nota do Gabinete para o Desenvolvimento do Sector Energético, o objectivo da iniciativa passa por "divulgar e promover a conservação energética e sensibilizar os cidadãos para pouparem energia".

Relações luso-chinesas entre 1644 e 1911 são tema de curso na Fundação Oriente

As relações entre Portugal e a China entre 1644 e 1911 estiveram em foco num curso em Julho na delegação de Macau da Fundação Oriente. "Dois Impérios, Cinco Tempos", ministrado por Jorge Santos Alves, analisou as relações luso-chinesas durante as duas últimas dinastias imperiais, a de Bragança em Portugal, e a Qing na China, em articulação com a evolução histórica de Macau, porto entre os dois impérios e com a história geral da Ásia oriental na transição para o período colonial. Jorge Santos Alves é professor auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas e Coordenador do Instituto de Estudos Asiáticos, da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.

EWTN inicia transmissões em Macau

A Eternal World Television Network (EWTN) e a TV Cabo Macau apresentaram, em Julho, o canal para a Ásia Pacífico da EWTN, o maior grupo católico de comunicação social do mundo. O canal vai começar a transmitir oficialmente em Macau a 15 de Agosto na posição 28 da TV Cabo, data em que se assinalam os 38 anos do grupo. A EWTN foi fundada em 1981 por iniciativa da Madre Angélica e cresceu exponencialmente. É hoje a maior operadora mundial de matriz católica. Mais de uma dezena de satélites transmitem 24 horas por dia, sete dias por semana, para mais de 290 milhões de lares de 146 países e territórios.

Salário mínimo alargado

A Assembleia Legislativa de Macau aprovou em Julho o alargamento do salário mínimo. O salário mínimo só abrangia actualmente trabalhadores de limpeza e de segurança na actividade de administração predial. O Governo de Macau estima que o alargamento irá beneficiar 25.400 trabalhadores dos sectores da transformação, da alimentação, retalho e hotelaria, tendo sido fixado nos seguintes valores: 6656 patacas/mês; 1536 patacas/semana; 256 patacas/dia; 32 patacas/hora.

Macau investe milhões em projectos na província de Guangdong

A RAEM desembolsou, até Maio, 8000 milhões de yuans em projectos na província de Guangdong, afirmou Mak Soi Kun, presidente da comissão de acompanhamento para os Assuntos de Finanças Públicas da Assembleia Legislativa. O investimento destina-se a oito projectos, cinco dos quais relacionados com a construção de infra-estruturas na área da Grande Baía. O Fundo de Desenvolvimento para a Cooperação Guangdong-Macau foi criado formalmente em Junho do ano passado, com a região a prever desembolsar um total de 20 mil milhões de yuans em 12 anos. Com a iniciativa, Macau prevê um retorno financeiro de 3,5 por cento ao ano.



Pandas gémeos celebram terceiro aniversário

Jian Jian e Kang Kang, os primeiros pandas gigantes nascidos em Macau, celebraram no dia 26 de Junho o terceiro aniversário. Os gémeos, ambos do sexo masculino e cujos nomes ditos em conjunto significam “saúde”, são filhos do mais recente casal de pandas gigantes oferecido pela China à RAEM. Nascidos a 26 de Junho de 2016, os gémeos tiveram o primeiro contacto com o público apenas sete meses depois, numa altura em que se celebrava o Ano Novo Chinês. Uma das crias nasceu com 135 gramas, em boas condições de saúde, e a outra com apenas 53,8 gramas.

Mais de 100 arquivos revelam memória da transferência de administração

Uma mostra de mais de 100 arquivos da transferência de administração de Macau para a China, em 1999, integrou o programa do Festival de Artes e Cultura entre a China e os países lusófonos. A exposição “Recordações Memoráveis de 1999 – Exposição de Arquivos Comemorativos do 20.º Aniversário do Retorno de Macau à Pátria” “partilha com todos os arquivos da história de Macau, revisitando os pontos cruciais dos contactos sino-portugueses”, afirmou o secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, na cerimónia de inauguração. Esta “memória comum que merece ser conservada para sempre”, tal como considerou Alexis Tam, são arquivos seleccionados “da colecção documental da Comissão dos Diversos Sectores de Macau para as Actividades de Celebração do Retorno de Macau à Pátria, fundada em 27 de Março de 1999.

CEM reforça rede de transmissão para responder a tufões

A Companhia de Electricidade de Macau (CEM) anunciou no final de Junho o reforço da rede de transmissão de energia do Interior do País para Macau para garantir a segurança e o fornecimento de electricidade ao território durante a próxima época de tufões. “Os pontos de fornecimento de energia de rede principal de 500 volts (kV) vão aumentar de dois para três”, afirmou Gabriel Chan, da CEM, durante a apresentação de medidas de segurança e contingência. Outra medida de contingência tem a ver com as inundações: aquando do içar do sinal de storm surge (maré de tempestade), a CEM irá suspender o fornecimento de energia em algumas áreas baixas, indicou o mesmo responsável.



Executivo divulga relatório para promover transparência na contratação pública

As autoridades de Macau divulgaram no início de Julho o relatório final que vai servir de base à nova lei da contratação pública, com a qual se procura promover a concorrência leal, a imparcialidade e a transparência, segundo o Governo. No relatório final relativo à consulta pública, que durou dois meses e terminou no início de Janeiro, as três matérias mais abordadas relacionaram-se com os procedimentos de contratação, regulamentação e funcionamento das comissões de avaliação de propostas, bem como com a promoção da transparência da contratação, pode ler-se no comunicado da Direcção dos Serviços de Finanças (DSF). Algumas das propostas de alteração à lei dizem respeito à definição de valores máximos que obrigam à realização de concurso público, tanto na aquisição de bens e serviços como na adjudicação de empreitadas.

Macau quer limitar poluentes nas centrais eléctricas e terminais de combustível

O Conselho Executivo de Macau apresentou dois projectos que visam limitar a emissão de poluentes atmosféricos provenientes das centrais eléctricas e dos terminais de combustível. Com os novos padrões exigidos às centrais eléctricas, o Governo local prevê reduzir, anualmente, entre 24 a 64 por cento das emissões de poluentes. “Actualmente não existe qualquer lei para controlar a emissão [de poluentes] das centrais eléctricas em Macau, por isso este projecto de regulamento administrativo vem preencher essa lacuna”, reconheceu o director substituto da Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA), Ip Kuong Lam. Este primeiro regulamento administrativo, relativo às centrais eléctricas, estipula as emissões de dióxido de enxofre, óxidos de nitrogénio e partículas, entre outros.



Universidade da Cidade de Macau lança curso superior de português

A Universidade da Cidade de Macau recebeu a autorização para a criação de um curso de licenciatura em português. De acordo com a informação publicada no Boletim Oficial, o secretário para os Assuntos Sociais e Cultura divulgou o despacho que aprova também a organização científico-pedagógica e o plano de estudos. O curso, da área científica de linguística, vai ter a duração de quatro anos e as línguas veiculares para as aulas vão ser o inglês, chinês e o próprio português.

RAEM discute comércio de diamantes na Bélgica e serviços financeiros no Luxemburgo

Macau anunciou que vai aumentar a cooperação com a Bélgica para desenvolver a indústria de diamantes e o intercâmbio entre as duas regiões, numa altura em que o território se prepara para aplicar o processo Kimberley. Este regime de certificação, fundamental para que as regiões produtoras possam exportar diamantes em bruto para Macau, deverá entrar em vigor no território em Outubro, de acordo com as autoridades. Criado em 2003 para acabar com os “diamantes de sangue”, extraídos de zonas em guerra, o processo Kimberley vai permitir a Macau desenvolver esta indústria à luz das regras internacionais, contribuindo, segundo o Executivo, para a diversificação da economia. Na Bélgica, a delegação de Macau, liderada pelo secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong, visitou o Centro Mundial de Diamantes de Antuérpia, onde são comercializados 80 por cento dos diamantes em bruto a nível mundial. Já no Luxemburgo, nos encontros mantidos com responsáveis locais, o governante frisou que Macau “deve assegurar e definir bem a sua posição, tendo presentes as experiências do Luxemburgo no que toca ao enriquecimento dos elementos da cadeia da indústria financeira e das infra-estruturas de apoio”.

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

**A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER
LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE**

Disponível na Apple Store e no Google Play,
a nova aplicação da MACAU em língua portuguesa
para telefones inteligentes e tablets disponibiliza,
em formato PDF, todas as revistas do site TV
Macau. Pode mesmo descarregar a edição pretendida
e lê-la, mais tarde, em modo offline.



MOÇAMBIQUE

Mais capacitação e maior produção para os agricultores

Foi em 2006, durante o segundo encontro do Fórum de Cooperação África-China (FOCAC), que o então Presidente Hu Jintao anunciou a criação de 10 centros de demonstração de tecnologia agrícola em países africanos. Cinco anos depois nascia um dos primeiros empreendimentos do género, localizado na província de Maputo, em Moçambique. Hoje mais de 3000 produtores moçambicanos já receberam formação técnica e, segundo dados da ONU, o projecto ajudou a aumentar a produção e os rendimentos de pequenos agricultores do país

Texto | Dalton Siteo

Em Moçambique

Foi durante a maior cimeira sino-africana de sempre, realizada em Pequim em Novembro de 2006, que um novo destino para os agricultores de Moçambique começou a ser delineado. O então Presidente Hu Jintao anunciou, no segundo Fórum de Cooperação África-China (FOCAC), oito medidas destinadas a reforçar a parceria entre a China e o continente africano. Na agricultura, um dos principais planos era a criação de dez centros de demonstração de

técnicas agrícolas em África. Moçambique estava no topo da lista dos países a beneficiar destes centros. Depois da cimeira de Pequim, os ministros chineses da Agricultura e do Comércio enviaram cinco equipas de especialistas para África com o objectivo de, conjuntamente com as autoridades locais, analisar as condições de implementação dos centros. Em Fevereiro de 2007, durante a visita oficial de Hu Jintao a Moçambique, foi anunciado que este país seria o primeiro em

África a receber um dos centros agro-tecnológicos.

Para a localização do centro, a escolha recaiu sobre o distrito de Boane (sudoeste de Maputo), devido a existência da Estação Agrária de Umbelúzi (EAU), pertencente ao Instituto de Investigação Agrária de Moçambique, e a proximidade da capital Maputo. O distrito de Boane situa-se na vizinhança da cidade da Matola, que alberga o maior parque industrial de Moçambique, com um pólo de produção de alumínio, um dos principais pro-



A LOCALIZAÇÃO É ESTRATÉGICA: BOANE ESTÁ PRÓXIMO À CAPITAL MAPUTO, E A MATOLA, SEDE DO MAIOR PARQUE INDUSTRIAL DO PAÍS



duto de exportação do país. Além disso, Boane é um distrito em franco desenvolvimento devido à expansão de cidade de Maputo, tendo uma área de 815 quilómetros quadrados, cerca de 81 mil habitantes, a maior parte dos quais (mais de 60 por cento) dedicados à agricultura, base da economia do distrito. Os principais produtos agrícolas são legumes, milho, feijão e mandioca. A Estação Agrária de Umbelúzi doou 52 dos seus 70 hectares para o estabelecimento do Centro, cumprindo assim o re-



Wang Huiping, director-geral do projecto, aponta que mais de 3000 produtores moçambicanos passaram pelo centro de formação. As aulas centram-se em novas tecnologias de cultivo e técnicas de eficiência



quisito de ceder sem encargos o uso da terra onde o projecto é executado e permitir a importação isenta de impostos, de materiais e equipamentos chineses. Nos termos deste acordo, coube à parte chinesa a concepção e construção do Centro, incluindo o sistema de irrigação, o fornecimento de maquinaria e equipamento e o envio dos especialistas chineses que coordenam o projecto. A evolução do processo foi bastante rápida: o projecto foi aprovado em 2008; em 2009 os edifícios do centro começaram a ser construídos e, em Julho de 2011, a sua sede era oficialmente inaugurada.

Nos dois edifícios que servem o Centro de Demonstração de Tecnologia Agrícola China-Moçambique (CDTACM), há salas de aulas, laboratórios de solo e de sementes, biblioteca, escritórios e residências para investigadores e trabalhadores chineses.

Especialistas de Moçambique e da China decidiram dar





Os produtores são levados ao campo de 52 hectares, onde praticam as técnicas aprendidas na sala de aula



No complexo agrícola, há salas de aulas, laboratórios, biblioteca, escritórios e residências

prioridade às culturas de milho, arroz, mandioca e legumes no interior do complexo. As culturas testadas são aquelas mais populares da região. Isso explica-se pelo facto de a cooperação se basear numa negociação das prioridades da população local, e de os projectos terem de se adaptar às exigências e às condições de cada país africano. Para além

da agricultura, também está contemplada a transferência de tecnologia que permita o incremento da produção animal – já houve investigação com porcos, mas esta acabou por ser suspensa devido à ameaça da febre suína africana. Quando o CDTACM foi inaugurado, o então presidente moçambicano, Armando Guebuza, frisou a importância

deste projecto para o país não só em termos de uma maior produção agrícola. “O objectivo não é somente aumentar a produção, porque pode ser aumentada de várias formas. Nem sempre se aumenta a produção através do aumento da área de produção. Temos que ter em mente a outra componente do aumento da produção através do aumento da

produtividade em áreas pequenas”, disse no seu discurso. Uma das grandes apostas foi a transferência de tecnologia chinesa capaz de aumentar a produção moçambicana de arroz, na altura estimada em cerca de três toneladas por hectare, para as actuais 10 toneladas por hectare.

Objectivo cumprido

Numa visita da MACAU ao CDTACM, o director-geral do projecto, Wang Huiping, reiterou que o grande objectivo tem sido cumprido, já que cerca de 3000 produtores moçambicanos já passaram pelo centro em formação. As aulas centram-se em novas tecnologias para semear cereais e vegetais e todo o ensino é feito tendo em conta as necessidades dos agricultores locais e das famílias camponesas. “Os treinos são orientados por técnicos chineses. Parte deles são agricultores e outra são professores universitários. Há uma parte que é sazonal, vêm da China para dar as formações, e outra parte dos formadores fica em Moçambique por mais tempo”, explicou Huiping.

Para a parte demonstrativa e experimental, os produtores são levados ao campo de 52 hectares, onde exploram uma determinada parcela do terreno agrícola para semear usando a nova tecnologia ao lado do formador. As sementes utilizadas para a demonstração são chinesas.

Segundo Huiping, fazendo referência a um relatório disponível naquele Centro, o CDTACM tem-se esforçado activamente para realizar avanços tecnológicos e realizar experimentos, e nesse sentido explora a componente de investigação. Com efeito, o Centro introduziu sucessivamente

▶
Graças ao projecto chinês foram já introduzidas dezenas de novas variedades de alimentos na agricultura moçambicana



159 variedades de arroz, 21 variedades de milho, mais de 20 variedades de vegetais e duas variedades de algodão para comparação e analisou mais de dez variedades de arroz, seis variedades de milho, mais de 20 variedades de vegetais e duas variedades de algodão.

O director-geral do Centro avalia positivamente as investigações feitas, afirmando que os produtos agrícolas analisados têm elevado o rendimento e a qualidade da produção, tendo sido adaptadas ao ambiente local. Cabe à equipa de investigação moçambicana avaliar novas variedades a serem introduzidas.

Toda a formação é dada de forma gratuita aos agricultores locais e a produção que resulta dessas acções é usada para consumo interno e para subsistência dos trabalhadores chineses. Também há um grupo de trabalhadores locais que são remunerados para manterem os campos produtivos. Os excedentes da produção

são vendidos na loja do Centro ou no mercado de Boane a preços mais baixos, de forma a que possam chegar às camadas mais carenciadas da população. Moçambique é um país com um potencial agrícola enorme. Aquele país africano tem 36 milhões de hectares aptos para agricultura, o suficiente para produzir comida para mais de 500 milhões de pessoas no mundo. No entanto, o país explora apenas 10 por cento do seu potencial. Os centros de demonstração agrícola são exemplos de uma fusão de ajuda ao desenvolvimento com negócio, tendo como principais funções a investigação e transferência de tecnologia, a extensão rural e a formação técnica.

Resultados reconhecidos

Segundo um relatório das Nações Unidas (ONU) do ano passado, os projectos de assistência externa agrícola da China resultaram no aumento da produção e da renda

de alimentos para pequenos agricultores de Moçambique e da Guiné-Bissau. Na sua primeira visita à sede da ONU em Nova Iorque (EUA), em Outubro passado, a Agência Internacional de Cooperação para o Desenvolvimento da China (CIDCA, na sigla em inglês) uniu-se à Missão Permanente Chinesa na ONU e ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, na sigla em inglês) para mostrar os resultados da parceria chinesa com os dois países africanos no desenvolvimento agrícola. Os programas criaram vínculos entre agricultores e funcionários locais com conhecimento chinês, tecnologia e sistemas inclusivos de mercado para impulsionar a produção de alimentos, aponta o relatório. O estudo avaliou as duas parcerias em vigor nos países africanos, nomeadamente o Projecto de Cooperação Técnica Agrícola na Guiné-Bissau e o Centro de

**SEGUNDO A ONU,
OS PROJECTOS
CHINESES DE
ASSISTÊNCIA
AGRÍCOLA
RESULTARAM
NO AUMENTO
DA PRODUÇÃO
E DA RENDA DA
POPULAÇÃO
LOCAL**

Demonstração de Tecnologia Agrícola China-Moçambique, como exemplos do que a colaboração Sul-Sul pode alcançar. “O PNUD saúda essas avaliações conjuntas, que ilustram o compromisso da China com parcerias que apoiam o alcance das metas nacionais de desenvolvimento e as aspirações da Agenda 2063 e 2030 de África”, disse Ahunna

MOÇAMBIQUE AINDA SÓ EXPLORA 10% DO SEU POTENCIAL AGRÍCOLA

Eziakonwa, administradora assistente do PNUD e directora regional para a África. “Congratulamo-nos com a tecnologia, experiência e investimentos financeiros da China, enquanto trabalhamos juntos para avançar com os nossos planos de desenvolvimento nacional”, disse o embaixador Antonio Gummende, representante per-

manente da Missão da República de Moçambique junto às Nações Unidas. Falando no evento, Deng Boqing, vice-presidente da CIDCA, disse que a promoção do desenvolvimento rural e agrícola e a erradicação da pobreza nos países em desenvolvimento, especialmente em África, sempre foram uma prioridade da ajuda externa da China. 



Toda a formação é gratuita para os agricultores locais e a produção que daí resulta é usada para consumo interno e vendida a preços mais baixos



A photograph of a traditional Chinese pharmacy. The background is a wall of numerous small, dark wooden drawers, each with a small label. Two white fabric bags hang from the top. In the foreground, a person's hand is visible, reaching into one of the drawers. On a table in front of the drawers, there is a mortar and pestle, a stack of white fabric, and a large woven basket containing dried herbs.

MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

Quando a lusofonia abre portas

O Governo Central apostou em Macau como plataforma para promover as terapêuticas tradicionais chinesas junto da União Europeia e dos países de língua portuguesa e, três anos depois, os resultados estão à vista. Portugal foi o primeiro país europeu a regulamentar a Medicina Tradicional Chinesa, enquanto Moçambique e Cabo Verde têm estado na linha da frente da internacionalização desta prática milenar



Texto | Marco Carvalho

“Portugal é um *case study*. É um caso único no mundo porque regulamentou sete terapêuticas não convencionais e a Medicina Tradicional Chinesa está entre elas. Para além da Medicina Chinesa foram regulamentadas também a acupunctura, a osteopatia, a naturopatia, a quiropraxia, a fitoterapia e a homeopatia”. A explicação é avançada por Frederico Carvalho, director executivo do Instituto de Medicina Tradicional. O organismo português tem sido um dos principais parceiros internacionais do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa Macau-Guangdong, entidade criada no início da década pelas autoridades da RAEM e da província de Guangdong, com o intuito de rentabilizar o trabalho que até então vinha a ser desenvolvido por entidades como a Faculdade de Medicina Tradicional Chinesa da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau e o Instituto de Ciências Médicas Chinesas da Universidade de Macau.

Com a instalação do Laboratório Chave Estatal para a Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa, o desígnio de exportar para os quatro cantos do mundo práticas e soluções terapêuticas utilizadas há milénios na China ganhou força. Em 2017, as exportações de artigos de medicina tradicional chinesa alcançaram as 358 mil toneladas, de acordo com a Câmara de Comércio da China para Importação e Exportação de Medicamentos e Produtos de Saúde. A fasquia esconde um aumento de 0,7 por cento em relação ao ano imediatamente anterior e ocul-



ta um intercâmbio comercial que se fixou em 3,6 mil milhões de dólares norte-americanos (cerca de 29 mil milhões de patacas), montante 2,1 por cento superior ao registado em 2016.

Até 2030, as autoridades da República Popular da China querem ver a cifra multipli-

car-se, mas também o enraizamento da Medicina Tradicional Chinesa em África, na União Europeia e um pouco por todo o mundo, num processo para o qual Portugal pode dar, no entender de Frederico Carvalho, um grande contributo. “Uma das estratégias da China passa por glo-

balizar a Medicina Chinesa. A Medicina Chinesa já existe há 20 ou 30 anos em Portugal. Está há muito tempo regulamentada, mas agora há regras específicas que definem como é que estas terapêuticas podem ou não ser prescritas e aplicadas”, explica Frederico Carvalho. “Uma vez que



regulamentamos o sector, podemos ser a porta de entrada para o resto da Europa e para os países africanos de língua portuguesa. Os fármacos e os suplementos poderão entrar via Portugal. Uma vez que regulamentamos a actividade profissional, faz sentido que a Medicina Tradicional Chinesa

entre na Europa via Portugal”, defende o director executivo do Instituto de Medicina Tradicional, organismo que se assume como um dos principais impulsionadores das chamadas medicinas alternativas na Península Ibérica. A regulamentação de práticas como a acupunctura, a

homeopatia ou a osteopatia retirou às terapêuticas convencionais a área de exclusividade de que beneficiaram desde que o sistema nacional de saúde português foi fundado, no final da década de 70, e permitiram, entre outras formalidades, que os fármacos à base de plantas possam ser identificados como tal e comercializados nas farmácias. O reconhecimento das terapêuticas alternativas, recorda Carvalho, foi pioneiro no quadro da União Europeia. A primazia, sustenta, coloca Portugal na linha da frente do processo de internacionalização da Medicina Tradicional Chinesa e deixa as soluções terapêuticas chinesas bem mais perto do mercado comum europeu: “Portugal, no fundo, pegou na legislação europeia e foi dos primeiros países da União Europeia a torná-la uma realidade. Começámos a regulamentar em 2011 e o Reino Unido em 2014. Em Portugal já há medicamentos à base de plantas registados pelo Infarmed. Estes fármacos são de prescrição médica e estão à venda em farmácias”.

Com a regulamentação das terapêuticas alternativas, as autoridades portuguesas abriram as portas da Europa ao Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa Guangdong-Macau, mas ainda há obstáculos, como, por exemplo, a padronização internacional dos termos associados à Medicina Tradicional Chinesa e a certificação da qualidade dos produtos, tendo em conta as regras em vigor na União Europeia.

Uma confluência de civilizações

Para Maria Fernanda Ilhéu, professora do Instituto Su-

perior de Economia e Gestão (ISEG) e antiga docente da Universidade de Macau, o contributo dado por Portugal à internacionalização da Medicina Tradicional Chinesa é um exemplo de como a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” – impulsionada pelo Presidente Xi Jinping desde 2013 – pode ser um precioso instrumento ao serviço do ideal da confluência de civilizações. A académica é também presidente da Associação dos Amigos da Nova Rota da Seda, organismo que assume como objectivo a divulgação da iniciativa em Portugal e que promoveu a participação, na última Feira Industrial de Macau, de empresas como a DLC – Distance Learning Consulting ou de entidades como o Instituto de Medicina Tradicional ou o Observatório da China.

Mais do que fomentar o intercâmbio comercial ou a venda de produtos, a Associação dos Amigos da Nova Rota da Seda quer impulsionar a troca de ideias e promover um diálogo entre culturas, num processo em que o Instituto de Medicina Tradicional se prefigura como uma peça central. “É líder em Portugal na formação de especialistas de Medicina Tradicional Chinesa. Já a Associação promove a Medicina Tradicional Chinesa nos países de língua portuguesa”, assume Maria Fernanda Ilhéu. “Ao fazermos isso estamos a entrar no desígnio da componente civilizacional, na medida em que procuramos levar a países terceiros, de uma forma que é já tecnologicamente evoluída e com bons profissionais envolvidos, o ensino de uma área da terapêutica, do tratamento e da prevenção que ocupa algumas vertentes da Medicina Tradicional Chinesa.”



Para que a confluência civilizacional de que Maria Fernanda Ilhéu fala seja plenamente alcançada é necessário uniformizar práticas, certificar produtos e padronizar conceitos. A questão foi debatida em Novembro, numa iniciativa que trouxe até Macau representantes da Organização Mundial de Saúde (OMS) e de mais de uma dezena de países e regiões. No encontro, que se prolongou por dois dias, os participantes reconheceram por unanimidade que a padronização internacional dos termos e dos conceitos associados à Medicina Tradicional Chinesa é muito importante para garantir a abertura dos mercados globais, como assentiu Choi Peng Cheong, director do Centro de Cooperação de Medicina Tradicional da OMS, entidade constituída no seio da Organização Mundial de Saúde por iniciativa

do Governo da RAEM. “A padronização é fraca a nível internacional”, reconheceu. Os participantes discutiram mais de 4000 termos e definições utilizados internacionalmente no âmbito da Medicina Tradicional Chinesa, uma tarefa laboriosa, mas que tem de ser conduzida, de forma a permitir o crescimento da “produção, elaboração e disseminação” da Medicina Tradicional Chinesa, como defendeu Liu Wei, chefe substituto do Serviço de Medicina Tradicional Complementar do Departamento de Funcionamento e Segurança dos Serviços de Saúde da OMS. A padronização de termos e conceitos é uma das prioridades a que o Governo Central tem de dar resposta para impulsionar a internacionalização da Medicina Tradicional Chinesa, mas não é a única. Para Frederico Carvalho,

**COM A
REGULAMENTAÇÃO
DAS TERAPÊUTICAS
ALTERNATIVAS,
PORTUGAL ABRIU
AS PORTAS DA
EUROPA AO
PARQUE CIENTÍFICO
E INDUSTRIAL
DE MEDICINA
TRADICIONAL
CHINESA
GUANGDONG-
MACAU**

o grande entrave à entrada na União Europeia de fármacos é a questão da certificação de qualidade. “Os desafios que prevalecem são do ponto de vista regulamentar. Na China não há uma fronteira muito clara sobre o que é um suplemento alimentar ou o que é um medicamento. Em Portugal, essa fronteira está bem estabelecida”, salienta. “Os produtos de saúde em Portugal – pelo facto do país pertencer à União Europeia – estão altamente regulamentados. Deve ser feito um esforço por parte da indústria chinesa tendo em vista a conformidade com as regras europeias, até porque, entrando num país do bloco europeu, como é o caso de Portugal, rapidamente um produto consegue espalhar-se pelo resto da União Europeia”, atesta Carvalho. Para que a comercialização de um medicamento receba luz verde da União Europeia

é necessário comprovar não só a eficácia, a segurança e a qualidade do fármaco, mas também garantir que é de origem comprovadamente vegetal. “Na China, não é raro que os produtos de Medicina Chinesa combinem uma componente tripla: animal, mineral e vegetal. Para que um medicamento seja certificado e comercializado, as duas primeiras componentes não podem entrar. Para que seja considerado um medicamento à base de plantas, os componentes activos têm de ter origem comprovadamente vegetal. Os critérios de qualidade, a garantia de qualidade desde a origem, desde o fabrico, todos estes detalhes têm de ser monitorizados para que o processo de certificação seja bem-sucedido”, ilustra Frederico de Carvalho.

O director executivo do Instituto de Medicina Tradicional defende que os produtos

de Medicina Chinesa devem entrar em Portugal como medicamentos à base de plantas e não como suplementos de saúde. “Isso estaria a minimizar a importância dos produtos da Medicina Tradicional Chinesa. Como suplementos, não podem ter indicações terapêuticas. Vou a um supermercado e vejo um suplemento de Medicina Tradicional Chinesa e fico sem saber para o que serve, até porque pelo nome ninguém consegue perceber se o suplemento é para o fígado ou para os olhos.”

O processo de certificação de qualidade dos produtos da Medicina Tradicional Chinesa no quadro da União Europeia tem beneficiado com a chamada “certificação simplificada”, um mecanismo legislativo criado pelo governo português que torna desnecessária a submissão dos produtos a ensaios clínicos. “Isso

quer dizer que um produto utilizado na China sem queixas, que demonstre segurança há mais de 30 anos e que já seja usado, também sem queixas, no espaço europeu há mais de 15 anos, pode ser registado como ‘medicamento à base de plantas’ no mercado europeu”, esclarece Frederico Carvalho. “Esta explicação é muito simplificada, mas, de grosso modo, é isto que a lei permite. Não é necessário conduzir ensaios clínicos.”

A confirmação de que a Medicina Tradicional Chinesa é uma das áreas de eleição no âmbito do intercâmbio e da cooperação entre a RAEM e Portugal chegou no final de Maio, em Genebra. Num encontro à margem da mais recente edição da Assembleia Mundial da Saúde, Alexis Tam, secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, convidou o Governo de Lisboa a elevar os pressupostos de colaboração já

existentes a um novo patamar: o da investigação na área da Medicina Tradicional Chinesa. Alexis Tam manifestou a intenção de impulsionar “uma cooperação mais estreita no futuro”, com o propósito de promover a investigação conjunta e a aceitação da Medicina Tradicional Chinesa e de outras práticas terapêuticas alternativas no espaço europeu e no continente africano. Se no âmbito da União Europeia, Portugal assumiu um pioneirismo absoluto em matéria legislativa no que à certificação de medicinas alternativas diz respeito, em África a primazia cabe a um outro país lusófono: Moçambique.

Uma lança em África

Moçambique é tida pelas autoridades de Pequim como um “país piloto” na exportação da Medicina Tradicional Chinesa tanto para África como para os países lusófonos. O país africano está na vanguarda da aplicação de terapêuticas alternativas no sistema nacional de saúde, num processo em que o Instituto de Medicina Tradicional se tem vindo a posicionar como um correligionário importante. “Temos sido parceiros do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa na formação de técnicos de saúde em Moçambique, em colaboração com as autoridades de Maputo, nomeadamente do Ministério da Saúde”, salienta Frederico Carvalho. “Em Moçambique, o que tem sido feito em colaboração com o Parque é a formação de técnicos de saúde convencionais – médicos, enfermeiros, fisioterapeutas – que o Ministério da Saúde agrega em Maputo. Estes profissionais são chamados das várias províncias,

Segundo Frederico Carvalho, o grande entrave à entrada na Europa dos fármacos chineses tem a ver com a certificação de qualidade

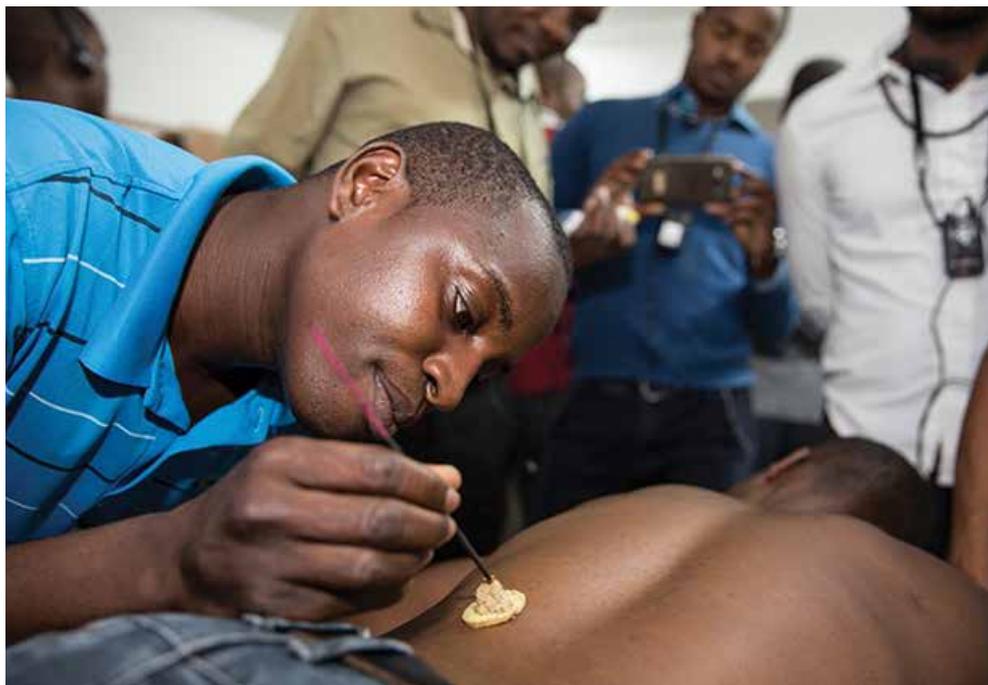


concentram-se no Hospital Central, em Maputo, nós levamos os nossos formadores, a China – através do Parque – traz os seus e fazem-se acções de formação muito concentradas para que eles percebam os conteúdos básicos da Medicina Chinesa e aprendam algumas técnicas elementares que podem depois integrar na sua prática como clínicos.”

A estratégia de internacionalização da Medicina Tradicional Chinesa para os países lusófonos, utilizando Portugal como porta de entrada para a União Europeia e Moçambique para o continente africano, foi inscrita pelo Governo de Macau nas Linhas de Acção Governativa como um dos eixos centrais de actuação para o corrente ano.

Para Moçambique está prevista a criação de um Centro de Medicina Chinesa, o que deverá ajudar a consolidar o trabalho que tem sido desenvolvido pelos formadores enviados para o terreno pelo Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa. “As formações que conduzimos são feitas com muita segurança. Um fisioterapeuta aprende técnicas que pode aplicar na fisioterapia, um médico idem e um enfermeiro idem. É isto que temos feito em Moçambique”, assinala Frederico Carvalho. “Agora temos um produto que é de *e-learning* e que vai permitir a estes profissionais complementar a formação que já fizeram presencialmente. Estamos à espera que o Parque Científico possa aderir a esse processo, de forma a que possamos dar continuidade ao trabalho que lá temos feito”, revela o responsável.

Para desenvolver a plataforma electrónica de ensino à distân-



△ Em África, Moçambique tem sido o país pioneiro na introdução da Medicina Tradicional Chinesa

**CABO VERDE
TAMBÉM JÁ
ASSINOU UM
ACORDO DE
COOPERAÇÃO
COM O PARQUE
CIENTÍFICO
GUANGDONG-
MACAU**

cia, o organismo liderado por Frederico Carvalho juntou forças com uma empresa líder de mercado, a DLC – Distance Learning Consulting. “É uma empresa que se dedica ao *e-learning*, à formação profissional e ao ensino superior. Oferece, por exemplo, cursos para ensinar português a estrangeiros, em particular a falantes de mandarim”, explica António Augusto Fernandes, antigo professor da Universidade Católica Portuguesa e director executivo do grupo ao qual o Instituto de Medicina Tradicional se aliou. “O produto que oferecemos tem características diferentes. É multimédia, interactivo e responsive: ou seja, trabalha com computadores, com tablets, com smartphones, etc.”

A utilização dos recursos pedagógicos desenvolvidos pela DLC e pelo Instituto de Medicina Tradicional ainda se encontra em fase de avaliação, mas o processo de internacio-

nalização das práticas terapêuticas associadas à Medicina Tradicional Chinesa tendo por base os países lusófonos segue de vento em popa. O Governo de Macau anunciou, em Março, a intenção de registar, até ao fim do ano, entre quatro e seis produtos de Medicina Tradicional Chinesa em Moçambique. O Parque Científico e Industrial assinou com as autoridades moçambicanas, em 2016, um memorando para promover o intercâmbio e a cooperação entre Moçambique e a China e desde então já organizou e realizou vários cursos de formação profissional para médicos, fisioterapeutas e enfermeiros dos hospitais que integram o sistema nacional de saúde moçambicano.

Para além da capacitação de profissionais, o acordo prevê também que até ao final deste ano sejam dados passos concretos na obtenção de li-



△ **Cerca de 60% da população moçambicana já recorre à Medicina Tradicional Chinesa**

cenças de comercialização de medicamentos e na criação do Centro de Medicina Chinesa de Moçambique. “A formação de técnicos em Medicina Tradicional Chinesa é uma das áreas que merece ser aprofundada, até porque cerca de 60 por cento da população de Moçambique recorre à medicina tradicional”, sublinhou João Leopoldo da Costa, vice-ministro da Saúde moçambicana, durante o Fórum Internacional de Desenvolvimento da Medicina Tradicional. O certame decorreu em Lisboa em meados de Maio e contou com a presença do Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On. Maputo assumiu um papel pioneiro na estratégia de exportação da Medicina Tradicional Chinesa para os países lusófonos, mas Moçambique já não é caso único. Em Maio, na capital portuguesa, o Governo cabo-verdiano assi-

nou um acordo com o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa Guangdong-Macau, com o objectivo de aprofundar a cooperação. O memorando prevê que as autoridades chinesas – através do Parque Científico e Industrial e do Governo de Macau – facultem consultoria técnica e política, formação profissional e apoio no controlo da qualidade. As autoridades de Cabo Verde, por sua vez, assumem a responsabilidade de “ajudar o Parque na promoção do registo, comércio, formação e cooperação sobre os projectos da indústria dos medicamentos tradicionais e suplementos alimentares”, de acordo com uma nota de imprensa divulgada na altura pelo Governo da RAEM. A margem do Fórum Internacional de Desenvolvimento da Medicina Tradicional, Eu-

rico Monteiro Correia, embaixador de Cabo Verde em Portugal e responsável por representar o Executivo cabo-verdiano no evento, assegurou que o arquipélago tem “todo o interesse em acelerar a relação de cooperação” com o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa Guangdong-Macau. Visto pelas autoridades chinesas como uma plataforma de excelência para a internacionalização da Medicina Tradicional Chinesa e como uma porta de entrada para a União Europeia, Portugal volta a assumir no final do ano um papel de primazia na discussão e divulgação das potencialidades da Medicina Tradicional Chinesa e das chamadas terapêuticas alternativas. O Centro de Congressos do Estoril acolhe a 9 e a 10 de Novembro a primeira edição do Congres-

so Mundial de Acupunctura e Medicina Tradicional Chinesa, certame que se propõe debater algumas das principais questões e dos principais dilemas com que se deparam actualmente os profissionais do sector.

Para além de comunicações académicas proferidas por oradores oriundos de países tão distintos como o Canadá, o Gabão ou a República Popular da China, e de sessões de homenagem ao legado de especialistas como Wang Ning Sheng, Tao Kun e Giovanni Maciocia, a edição inaugural do Congresso contempla ainda fóruns de debate sobre a validação da acupunctura e da Medicina Tradicional Chinesa fora das fronteiras da China e sobre as mais recentes técnicas e tecnologias utilizadas pelos praticantes de ambas as especialidades.

Para Frederico Carvalho, o interesse que a Medicina Tradicional Chinesa desperta em Portugal e a visibilidade que as terapêuticas alternativas começam a adquirir confirmam aquilo que o responsável há muito procura ilustrar, a vocação do país para se afirmar como um parceiro de excelência na internacionalização das práticas, das terapêuticas e dos fármacos chineses. “Somos parceiros do Parque [Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa Guangdong-Macau] desde a sua origem. Somos um parceiro natural para os países de língua portuguesa. Somos um parceiro natural para Portugal e para a União Europeia. Nutrimos, no fundo, uma enorme expectativa porque consideramos que o Parque tem um potencial tremendo. O que falta agora é concretizar algum desse potencial, especificamente em Portugal.” **M**

ACORDO BANCÁRIO

Mais força financeira

Macau mostrou mais uma vez que quer ter um papel relevante na facilitação das relações comerciais entre a China e os países de língua portuguesa. Espera-se que a RAEM reforce o seu papel de plataforma comercial com o novo acordo entre os bancos locais e os bancos de língua portuguesa

Texto | Paulo Barbosa

Foi firmado um acordo para reforçar a cooperação entre os bancos locais e os bancos de língua portuguesa. Subscrito pela Associação de Bancos de Macau e pelas entidades congéneres de Portugal, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, o acordo visa prestar apoio a empresas ou investidores que revelem interesse na exploração de negócios no mercado do Interior do País, usando Macau como base financeira. Empresas de Macau e do País também poderão beneficiar na expansão das suas actividades nos mercados dos países de língua portuguesa.

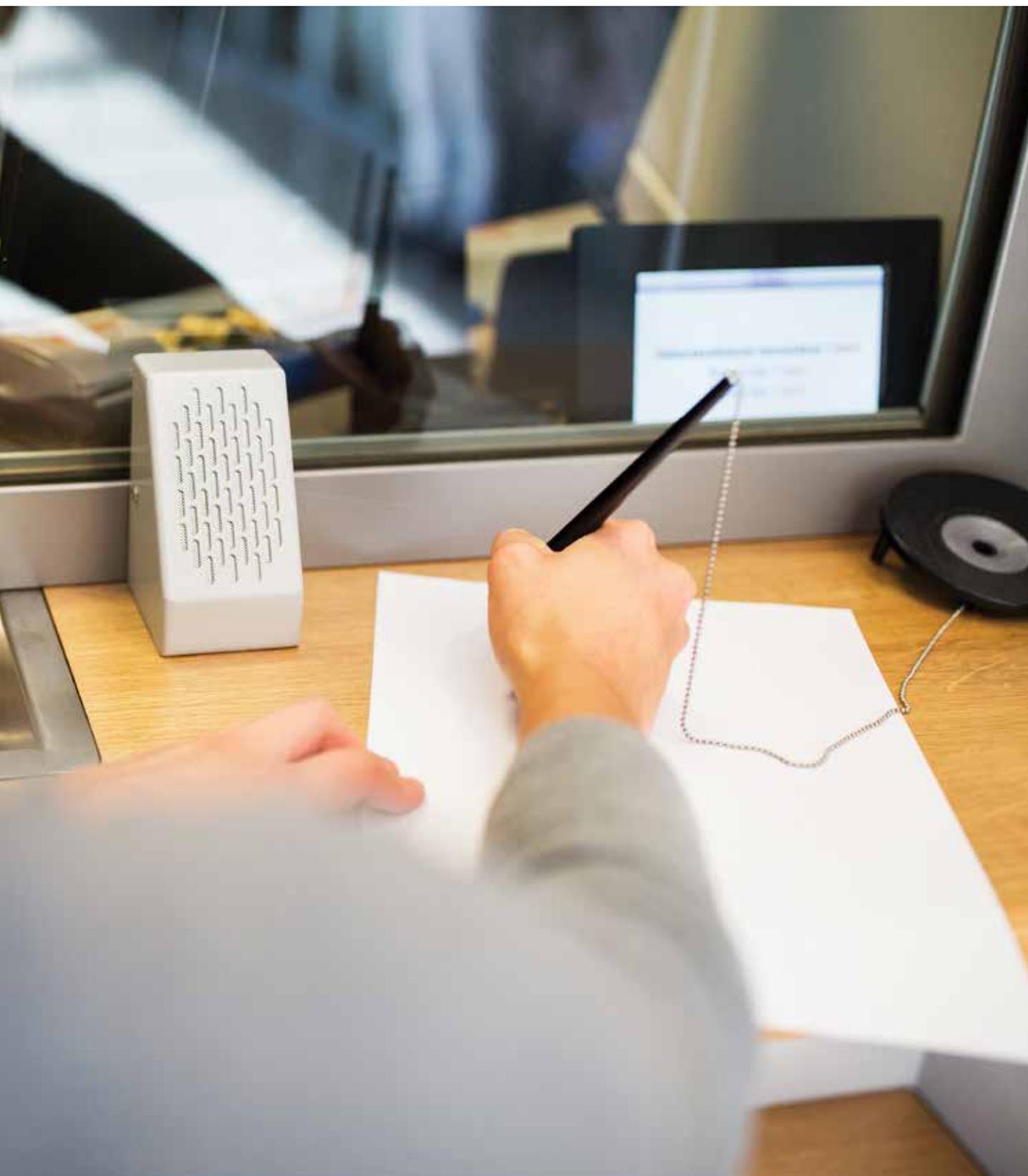
Denominado “Iniciativa do Avanço da Cooperação entre Bancos Comerciais dos Países de Língua Portuguesa e de Macau”, o acordo foi assinado durante um encontro

que reuniu mais de 100 profissionais das áreas económica e financeira da China e dos países de língua portuguesa. O encontro foi uma das iniciativas integradas no 10.º Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas (IIICF), que decorreu em Macau no fim de Maio.

O secretário para a Economia e Finanças da RAEM, Lionel Leong, discursou no evento onde foi assinado o acordo, sublinhando que Macau foi mandatado por Pequim para desenvolver um papel de “Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”.

Leong afirmou que tem tido encontros com investidores lusófonos interessados em envolver-se no desenvolvimento do Interior do País





O ACORDO PRETENDE TRAZER MAIS DINAMISMO COMERCIAL E FINANCEIRO ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

através da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” e também em participar no projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Nesse sentido, o governante local disse que é essencial estabelecer “formas de cooperação entre os bancos comerciais de Macau e os seus congéneres dos países de língua portuguesa”.

Li Guang, presidente da Associação de Bancos de Macau, disse no seu discurso que “através da assinatura da referida iniciativa, se pretende utilizar ao máximo os recursos de todas as partes, em informação, talentos, produtos, canais e capitais”. O objectivo é estabelecer “um mecanismo de cooperação multifacetada e multilateral” e serão promovidas “cooperações mais íntimas entre os bancos comerciais de Macau e dos países de língua portuguesa,” sublinhou Li Guang.

Wang Xiquan, presidente do Conselho de Supervisão do Banco da China, afirmou que “esta proposta de cooperação consiste em fortalecer a força financeira e promover a construção da plataforma China-países de língua portuguesa”. Wang Xiquan disse também que o Banco da China assinou um acordo de cooperação com o Governo de



Lionel Leong, secretário para a Economia e Finanças da RAEM, afirmou que se tem encontrado com investidores lusófonos interessados em envolver-se na iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”

INFRA-ESTRUTURAS DE EXCELÊNCIA

No decorrer do IICF, o vice-presidente e CEO do New Development Bank, Zhu Xian, disse que o próximo desafio que o sector da construção enfrenta é como definir “infra-estruturas de excelência” e implementar os projectos com alta eficiência. Para que seja garantida a qualidade das infra-estruturas, as empresas e países envolvidos devem “chegar a um consenso” no estabelecimento de normas comuns. Lawrence J. Lau, por sua vez, considerou que o investimento de qualidade em infra-estruturas é um dos princípios em que a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” se baseia. O professor de Economia da Universidade Chinesa de Hong Kong sugeriu que a supervisão da qualidade dos projectos seja efectuada por uma terceira parte. A vistoria deve ser realizada por “especialistas com reputação internacional”, advogou Lau.

Macau para a integração na Grande Baía. Recordando que a cooperação sino-portuguesa é uma realidade com centenas de anos, Norberto Costa, da Associação Portuguesa de Bancos, disse que tem havido um

aprofundamento das relações bilaterais. A comprovar o bom momento das relações diplomáticas, Portugal foi o primeiro país da zona euro a emitir obrigações em moeda chinesa, que também são conhecidas por “Panda Bonds”.

Já António Araújo Monteiro, da Associação de Bancos da Guiné-Bissau, afirmou que a iniciativa é o “estímulo necessário” para que sejam exploradas “oportunidades em conjunto”. “O acordo vai contribuir para

um maior dinamismo comercial e financeiro, visando a satisfação das necessidades dos clientes, melhorando a facilidade de acesso a serviços bancários e promovendo fluxos de investimento e comércio privado, assim como a partilha de informação entre as partes envolvidas”, frisou, por outro lado, João Cunha Martins, da Associação Moçambicana de Bancos.

Na opinião de Dalton Costa Gonçalves, o representante de São Tomé e Príncipe presente na assinatura do acordo, esta é uma “oportunidade única” no quadro da estratégia da banca do pequeno país africano, ao permitir nomeadamente “uma maior absorção de fluxos financeiros que São Tomé bem precisa”. M





Brasileiros e chineses entre as comunidades mais numerosas em Portugal

O número de estrangeiros a viver em Portugal aumentou 13,9 por cento em 2018, de acordo com um relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Entre os 480.300 estrangeiros a viver naquele país europeu, os brasileiros continuam a ser a maior comunidade, com 105.423 cidadãos, representando mais de um quinto do total. Seguem-se Cabo Verde (34.663), Roménia (30.908), Ucrânia (29.218), Reino Unido (26.445), China (25.357), França (19.771), Itália (18.862), Angola (18.382) e Guiné-Bissau (16.186). A comunidade que mais cresceu em Portugal no ano passado foi a italiana, revelando um aumento de 45,9 por cento em relação ao ano anterior.

Associação Comercial de Zhejiang criada em Angola

A inauguração da Associação Comercial de Zhejiang, em Angola, realizou-se no início de Julho, com a presença de 80 convidados, incluindo o embaixador da China no país, Gong Tao, e funcionários do governo angolano. Uma notícia do portal do Secretariado Permanente do Fórum Macau, que cita um jornal angolano de língua chinesa, Gong Tao salientou durante a inauguração que as empresas da província chinesa de Zhejiang devem aproveitar as oportunidades de investimento existentes em Angola, nomeadamente nas áreas da agricultura, pesca, silvicultura e indústria manufactureira, ajudando a desenvolver a economia do país. O embaixador disse ainda que as empresas chinesas em Angola devem ter um papel social, apoiando instituições de caridade no país com o objectivo de fortalecer as relações sino-angolanas. A nova associação tem mais de 500 membros, envolvidos em diferentes sectores.



São Tomé e Príncipe abre portas a empresários da China e dos países de língua portuguesa

Pouco mais de dois anos após ter aderido ao Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau), São Tomé e Príncipe acolheu, nos dias 8 e 9 de julho, o 14.º Encontro de Empresários da China e dos Países de Língua Portuguesa. Três centenas de empresários, representantes governamentais e funcionários marcaram presença no evento organizado pelo Conselho Chinês de Promoção do Comércio Internacional, Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, e Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de São Tomé e Príncipe.

O primeiro-ministro santomense, Jorge Bom Jesus, aproveitou, na abertura do evento, para fazer um convite aos participantes para usarem o “faro clinicamente empresarial numa atitude win-win, solidária e proactiva” de forma a aproveitarem o país insular como “plataforma estratégica e de referência no Golfo da Guiné”. As oportunidades de investimento estão nos projectos de infra-estruturas, telecomunicações, serviços, agro-indústria, turismo ou exploração petrolífera. O director da Agência de Promoção de Comércio e Investimentos de São Tomé e Príncipe, Rafael Branco, chamou a atenção dos empresários para as oportunidades criadas pelo processo de transformação energética de promoção de energias renováveis. Já no encerramento do encontro, o ministro do Planeamento, Finanças e Economia Azul, Osvaldo Vaz, apontou o investimento privado externo como “uma das únicas alternativas viáveis para debelar os enormes desequilíbrios estruturais e fiscais” que o país enfrenta. Uma vez que o país “não possui capacidades” para investir sozinho em grandes projectos, deve ir à “procura de sinergias e parceiros, uma das vias para concretizarem os seus objectivos”.

No final do certame, foram assinados seis acordos e memorandos, que abrangem áreas como a cooperação entre governos, cooperação de serviços legais e comerciais entre câmaras de comércio, doação empresarial e cooperação em serviços financeiros entre empresas. A presidente do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), Irene Va, apontou que desde 2005 foram realizadas 13 edições do Encontro Empresarial, tendo atraído, no total, a participação de 5000 empresários da China e dos países de língua portuguesa, contribuindo para mais de 3400 bolsas de contactos e a assinatura de mais de 90 protocolos de cooperação. A próxima edição irá decorrer em Novembro de 2020, na capital da Guiné-Bissau.



Diplomatas timorenses promovem intercâmbio na China

Um grupo de nove diplomatas do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Timor-Leste esteve na China, entre 23 e 29 de Junho, a convite da Embaixada chinesa no arquipélago. De acordo com um comunicado da embaixada, a visita teve como objectivo o reforço das relações entre os dois países. A nota refere que a delegação timorense visitou quatro cidades chinesas: Pequim, Shenzhen, Hong Kong e Zhuhai. Na capital, os diplomatas tiveram encontros na Universidade de Pequim e em várias empresas, incluindo o China Merchants Group, o China Railway Group e o grupo Tencent Holdings.



Fórum de Macau precisa de maior projecção, defende secretária-geral

A secretária-geral do Fórum de Macau, Xu Yingzhen, afirmou em entrevista à Lusa a necessidade de maior projecção e melhores canais de informação para “servir melhor” as relações comerciais entre a China e os países lusófonos. Apesar de sublinhar os esforços que têm sido feitos nos últimos anos, Yingzhen referiu que o Fórum ainda “precisa de chegar a mais pessoas” para “servir melhor a cooperação e implementar mais resultados” concretos. “Através de vários canais de divulgação, podemos dar maior conhecimento ao mundo exterior deste Fórum de Macau”, reconheceu a secretária-geral, sublinhando que as crescentes deslocações às províncias do Interior do País têm sido promovidas com esse objectivo. Para Xu Yingzhen, outra grande oportunidade de promoção do Fórum surge com a Grande Baía, um projecto do Governo Central para criar uma metrópole a nível mundial, que junta as regiões administrativas especiais de Macau e de Hong Kong e nove cidades chinesas da província de Guangdong.



Empresário de Macau investe em vinhos na zona de Alenquer

Wu Zhiwei, empresário de Macau, está a apostar nos vinhos portugueses e produz actualmente “mais de 100 mil garrafas”, na zona de Alenquer, a 50 quilómetros a norte de Lisboa. Uma quota de 20 por cento da produção total fica para comercializar em Portugal, “todo o resto é para exportação”, disse recentemente à agência Lusa. De momento, a Quinta da Marmeleira produz quatro tintos com base em castas tradicionais portuguesas: touriga nacional, tinta roriz e alicante bouschet. Dois dos tintos foram apresentados em Macau, no início de Junho, para assinalar também o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Dois brancos deverão ser lançados em breve, também em Macau, disse Wu. A escolha de Alenquer foi sobretudo devido às acessibilidades e à proximidade do aeroporto de Lisboa, a cerca de 30 minutos de distância.



Feira do Livro aposta na cooperação com países lusófonos

A Feira Internacional do Livro de Macau estreou-se no início de Junho com uma aposta na cooperação comercial com os países lusófonos. “Desejo que, com a realização da Feira Internacional do Livro de Macau, possamos promover uma cooperação intensa com os países de língua portuguesa, os países ao longo da iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ e a China na área do comércio, dos direitos de autor e das publicações”, afirmou a presidente do Instituto Cultural, Mok Ian Ian, no discurso inaugural. “Também acreditamos que, através do papel que Macau desempenha como ponto de encontro entre Ocidente e Oriente, o fortalecimento das relações entre o Interior do País e o mundo contribui para a construção da iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ e para a Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, acrescentou. No evento participaram mais de 60 editores de mais de 20 países e regiões, incluindo Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor-Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

China apoia reabilitação de capital são-tomense

Pequim doou 200 milhões de yuans (cerca de 30 milhões de dólares americanos) para apoiar a reabilitação urbana da cidade de São Tomé, capital de São Tomé e Príncipe. Os países assinaram dois acordos de cooperação: o donativo de 200 milhões de yuans e a realização do estudo para o projecto de reabilitação urbana. À agência de notícias STP-Press, a chefe da diplomacia são-tomense, Elsa Pinto, disse: “Conseguimos concretizar o apoio orçamental de oito milhões de dólares que já foram desbloqueados, estudos preparativos sobre a construção de casas sociais – segunda fase que se estendeu de 60 para 200 casas – e a implementação do projecto de extensão do aeroporto, prevista ainda para este ano”.



Capital Airlines retoma ligação entre a China e Portugal

A Capital Airlines retoma no final deste mês a ligação directa entre Hangzhou, costa leste da China, e Lisboa, com escala em Pequim, que havia sido suspensa em Outubro de 2018. A companhia aérea anunciou no ano passado que iria suspender temporariamente a ligação. A rota obteve autorização da Administração da Aviação Civil da China (AACC), para dois voos por semana em aviões Airbus A330, com capacidade máxima para 440 passageiros. No primeiro ano que voou para Portugal, a Capital Airlines transportou mais de 80 mil passageiros, segundo dados da empresa, com uma taxa média de ocupação de 80 por cento na baixa temporada e de 95 por cento nos meses de maior procura.



Instituto Politécnico de Macau lança livros para apoiar ensino do português na China

O Instituto Politécnico de Macau lançou em Junho cinco livros para divulgar e promover o ensino da língua portuguesa em Macau, na região da Grande Baía e na China. Todas as obras foram produzidas por professores do centro, “com temáticas diferentes mas complementares” para que possam ser usados em “qualquer nível de aprendizagem” e “por qualquer falante de português”, disse Zhang Yunfen, coordenador do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa. A apresentação das obras integrou o programa oficial das comemorações “Junho, Mês de Portugal”, num ano em que Macau assinala o 20.º aniversário da RAEM. *Fonética e Fonologia para o Ensino do Português como*

Língua Estrangeira e Exercícios Práticos de Fonética de Português Língua Estrangeira, ambos da autoria de Adelina Castelo, *Português com Textos 2: Textos Narrativos para o Ensino do Português como Língua Estrangeira*, de Sara Augusto e Caio Cristiano; *Português em Uso*, de Rui Pereira, e *Guia de Preparação para o DAPLE – Diploma Avançado de Português*, de Liliana Inverno, são os títulos publicados pelo IPM.

China mantém-se como o maior credor de Moçambique

A China manteve-se em 2018 pelo sexto ano consecutivo como o país que mais crédito concedeu a Moçambique, que nesse ano aumentou 400 milhões de dólares para 2200 milhões de dólares norte-americanos, segundo a Conta Geral do Estado. O documento, que foi aprovado numa sessão de Conselho de Ministros em Maputo, revela que o aumento da dívida ficou a dever-se a desembolsos para financiar a construção da ponte Maputo-Catembe, da estrada Catembe/Bela Vista/Ponta do Ouro e para a reparação da estrada Beira-Machipanda e do cais do porto de pesca da Beira.



Instituto Confúcio abre portas na Universidade de São Tomé

Desde Julho, a Universidade Pública de São Tomé e Príncipe entrou na longa lista de instituições que contam com o Instituto Confúcio. A inauguração foi presidida pelo primeiro-ministro santomense, Jorge Bom Jesus, que destacou a importância da educação na vida das pessoas, em especial em termos da aprendizagem de línguas. “É fundamental não só para fazer funcionar o tecido económico, mas também a administração pública e instituições sociais, nomeadamente, retroalimentar as próprias escolas”. À semelhança do que já acontece noutros países, o Instituto Confúcio passa agora a oferecer cursos de língua e cultura chinesa de forma a facilitar o intercâmbio entre povos.



ZHAOQING

Prenúncios de uma nova prosperidade

Zhaoqing, cidade com nível de prefeitura na província de Guangdong, tem uma ligação histórica muito particular a Macau. É hoje uma reserva ecológica de grande relevância e procura desenvolver uma indústria sustentável e com alto valor acrescentado, integrado no eixo Cantão-Foshan-Zhaoqing. A integração na zona da Grande Baía vai trazer benefícios, melhorando as acessibilidades à cidade e potenciando o seu papel de ligação entre esta e as regiões do sul e sudeste da China, bem como ao Sudeste Asiático, cumprindo um importante papel na iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”

Texto | José Luís Sales Marques

O historiador chinês Tang Kaijiang, um reputado especialista na investigação e divulgação

da presença portuguesa na China durante as dinastias Ming e Qing, citando o livro *Regni Chinensis Descriptio*,

de Mateus Ricci (1552-1610), descreve como um capitão da guarda do governador geral de Zhaoqing se deslocou

a Macau trazendo uma carta autorizada por este magistrado. No documento convidavam-se os missionários da



Companhia de Jesus a se estabelecerem naquela prefeitura, aceitando a riqueza oferecida pelo Governo chinês e construindo uma igreja e uma residência.

Decorria o ano de 1583 e esta cidade da província de Guangdong acabava de se tornar na primeira morada no Interior da China do famoso jesuíta, astrónomo e mais tarde mandarim ao serviço, simultaneamente, de Roma e Pequim da Igreja e do Celeste Império. Mas, porque Zhaoqing e não Xiangshan (Zhongshan), logo aqui ao lado de Macau ou outra das muitas prefeituras que se encontram no longo caminho entre Macau e Cantão? Onde fica e o que é hoje Zhaoqing, no contexto da área da Grande Baía? São essas as questões que vamos procurar esclarecer junto aos leitores ao longo das próximas páginas deste artigo.



◀ Um exemplo de arquitectura com os princípios de bagua na vila de Licha Cun



◀ Pavilhão Wulong, no parque de Qixingyan, no distrito de Duanzhou

Geografia e população

Zhaoqing é uma cidade com o nível de prefeitura da província de Guangdong, dotada de uma área com cerca de 15 mil quilómetros quadrados, dos quais apenas cinco por cento corresponde à área urbana. A população era, em 2018, de 4,151 milhões de habitantes o que lhe confere uma densidade populacional relativamente baixa, na ordem das 276 pessoas por quilómetro quadrado. A título de comparação, a densidade populacional de Macau ultrapassa os 20 mil habitantes por quilómetro quadrado.

O vasto território é por um lado plano, sulcado por rios e riachos e adornado por lagos e, pelo outro, ladeado de regiões montanhosas a norte e a este, que ocupam 80 por cento da área da prefeitura. É atravessado, no sentido oeste-

-este, pelo Rio Oeste (Xijiang), afluente do Rio das Pérolas. As suas belezas naturais fazem desta prefeitura um destino turístico muito procurado aos fins-de-semana pelas populações das cidades vizinhas. O lago Xinqu, as grutas de Qixing e a montanha de Dinghu são algumas das atracções mais populares entre visitantes e amantes da natureza. É a primeira reserva natural da China listada pela UNESCO como uma reserva biosférica internacional.

História e cultura

Zhaoqing possui uma história de dois milénios e começou por ser conhecida por Gaoyao e depois por Duanzhou até à Dinastia Song (920-1279), quando adquiriu o nome que hoje ostenta. Contam os anais da história da China que o Imperador Shenzong (1048-85) atribuiu ao seu filho Zhao Ji (1082-1135) o título de Rei de Duan, com domínio sobre aquele território. Este último, ao suceder ao pai como Imperador Huizong, mudou o nome da prefeitura para Zhaoqing, o que quer dizer “início de boa fortuna”. As antigas muralhas e a torre de menagem de 19,3 metros de altura permanecem relativamente bem preservadas e podem ser vistas no distrito de Duanzhou, ao longo da rua Songcheng, testemunhando o rico património histórico de Zhaoqing. Uma figura mítica associada a Zhaoqing é a do justo e incorruptível Bao Gong. Bao Gong, cujo nome é Bao Zheng (999-1062), foi nomeado em 1040 magistrado de Duanzhou. A sua fama eternizou-se, e Bao Gong passou a ser venerado na cultura tradicional chinesa como a personificação da justiça.



O Parque Natural da Montanha de Dinghu foi o primeiro do género na China e é conhecido como “museu a céu aberto”

Quando os jesuítas Michele Ruggieri e Mattia Penella visitaram Zhaoqing em 1582, e aí permaneceram por alguns meses a convite das autoridades locais, a prefeitura era a sede do poder do vice-rei Chen Rui dos dois Guangs, Guangdong e Guangxi. Era, por isso, uma cidade de elevado estatuto, uma capital administrativa dotada de um

s sofisticado tecido cultural e ambiente político. Esse estatuto manteve-se até ao fim da Dinastia Ming.

Conta a história que as autoridades imperiais ficaram fascinadas com os relógios que os jesuítas lhes ofereceram, pelo seu saber científico e conhecimento da cultura chinesa. Depois de uma curta permanência inicial, Ruggieri regressou a Macau e, em 1583, voltou com Mateo Ricci para lançar os alicerces de uma presença da Sociedade de Jesus que foi multiseular e atingiu foros de brilhantismo no Celeste Império, atingindo um plano porventura nunca imaginado pelos seus pioneiros. Foi em Zhaoqing que Ricci desenhou em 1583, a pedido do prefeito da cidade, o primeiro

Atlas da sua autoria e, o dicionário de chinês-português foi elaborado em colaboração com Ruggieri e outros missionários da Companhia.

O declínio de Zhaoqing deu-se com o fim da Dinastia Ming e a chegada dos Manchus ao poder. Duas facções rivais da resistência Ming estabeleceram-se em Cantão e Zhaoqing em 1646, dois anos após a queda de Pequim em 1644. O imperador Yongli, de nome pessoal Zhu Youlang (1623-1662), foi entronado em Lijiao, Zhaoqing, como o quarto imperador da Dinastia Ming do Sul e reinou entre 1646 até 1662, ano da sua morte, que se deu quando tinha 38 anos de idade. Com o fim definitivo de uma



A área cénica dos rochedos de Sete Estrelas é uma das principais atracções da cidade

A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE ZHAOQING, NO EIXO DA LIGAÇÃO ENTRE A ÁREA DA GRANDE BAÍA E O SUL E O SUDESTE DA CHINA E, ATRAVÉS DESTAS AO SUDESTE ASIÁTICO, CONFEREM A ZHAOQING UM PAPEL IMPORTANTE NA LIGAÇÃO GEOGRÁFICA E FUNCIONAL DAQUELA ÁREA À INICIATIVA “UMA FAIXA, UMA ROTA”

era e o controlo completo da Dinastia Qing sobre a região de Guangdong, a sede do vice-rei dos dois Guangs passou a estar localizada em Cantão.

Zhaoqing é uma cidade rica em festividades, celebradas com tradicional pompa e circunstância. O Ano Novo Chinês, o Festival das Lanternas, os Barcos-dragão e as Danças do Dragão ou os Festivais do Bambu e da Tangerina são momentos de grande alegria e renovação de uma cultura peculiar.

A gastronomia é um reflexo da fama que adquiriu como

terra do arroz e do peixe. O arroz embrulhado em folhas, a carpa dos lagos, a galinha com folhas de chá, as delicadezas feitas com brotos de bambu são algumas das iguarias características da região, uma cozinha de sabores delicados e suaves aromas.

Mobilidade

Zhaoqing é servida pelos aeroportos internacionais de Guangzhou Baiyun e de Shenzhen. Comboios de alta velocidade da linha Nanning-Cantão, com mais de 70 par-

tidas diárias, fazem a ligação entre a capital da província de Guangdong e Zhaoqing em menos de uma hora, e o mesmo acontece com o comboio inter-cidades Cantão-Foshan-Zhaoqing. As auto-estradas que ligam Guangdong a Guangxi são outra via alternativa, exigindo porém uma viagem mais prolongada e, eventualmente, menos confortável. As viagens de autocarro entre Zhaoqing e Shenzhen ou Zhuhai podem demorar entre 3h30 a 4h30.

Está previsto no plano da

Grande Baía o lançamento, em momento oportuno, da linha férrea Luizhou-Zhaoqing. Luizhou é conhecida como a cidade floresta da China e está localizada na Região Autónoma de Guangxi Zhuang.

A rede de transportes inclui oito portos com ligações ao Delta do Rio das Pérolas e localizam-se no rio Xijiang, ou rio Oeste, que é tributário daquele e desagua próximo de Macau. O novo porto de Zhaoqing é um dos 28 portos internos mais importantes do país.

Economia

A modernização da economia de Zhaoqing começou a acentuar-se neste milénio, com relevo para as indústrias ligeiras de equipamentos electrónicos e comunicações, extracção da madeira e indústrias relacionadas, produtos de metais, têxteis, vestuário e outros produtos de fibra. A indústria de cimento aproveitava o recurso natural da região, o calcário, e o processamento de pau-rosa é uma consequência da extracção dessa madeira das suas florestas. O *output* agrícola e indústrias associadas incluíam a produção do arroz, de vegetais, a pecuária e produtos aquáticos.

Actualmente, a economia de Zhaoqing é caracterizada pela presença de um tecido industrial relativamente ligeiro e pela importância do turismo como factores determinantes para o desenvol-

vimento. O seu Produto Interno Bruto (PIB) em 2018, segundo dados oficiais de Zhaoqing, foi de 220,18 mil milhões de yuans (cerca de 260 mil milhões de patacas). O PIB per capita em 2018 foi 53.267 yuans (aproximadamente 62.500 patacas), ou seja, o mais baixo de todas as cidades das Área da Grande Baía. Com uma estrutura industrial constituída em termos de peso no PIB sobretudo pelos sectores secundário e terciário, a cidade tem apostado no desenvolvimento da indústria de veículos verdes, produção de equipamentos avançados, conservação de energia e protecção ambiental, tecnologias de informação e biomedicina. Está a investir acima de 100 mil milhões de yuans na constituição de clusters dedicados àquelas indústrias. Entretanto, o turismo continua em expansão e o número de visitantes em 2018, de acordo com dados da mesma fonte, chegou aos 13,53 milhões.

Zhaoqing é também conhecida como a mina de ouro de Guangdong, com as minas do metal precioso localizadas nas zonas de Gaoyao, Huaiji e Fengkai. As minas de Hetai são consideradas das maiores da China. Encontram-se também outras indústrias extractivas, nomeadamente de calcário, granito, águas minerais e as famosas pedras tinteiro “duanyan”, usadas na pintura chinesa, consideradas as melhores do país. O jade verde é também famoso.

Zhaoqing é apresentada no plano da Grande Baía como principal produtor agrícola da região e corredor de ligação entre o sudeste e o sudoeste da China. A sua inclusão neste mega projecto abre novas perspectivas de desenvolvimento e



Imagem aérea da vila bagua de Licha Cun



oportunidades, para que o rendimento per capita dos seus habitantes se aproxime da média da região. As suas condições naturais, a pequena incidência da poluição industrial e o clima favorável são atributos que

A GASTRONOMIA É UM REFLEXO DA FAMA QUE ADQUIRIU COMO TERRA DO ARROZ E DO PEIXE. O ARROZ EMBRULHADO EM FOLHAS, A CARPA DOS LAGOS, A GALINHA COM FOLHAS DE CHÁ, AS DELICADEZAS FEITAS COM BROTOS DE BAMBU SÃO ALGUMAS DAS IGUARIAS CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO



permitted project the development of a sustainable biological agriculture. The above plan provides for the promotion of Huaiji, in Zhaoqing, as a base for distribution of agricultural products "green" and their derivatives. The international airport of Baiyun, in Canton, is the one

that is closer to Zhaoqing, a 95 kilometers and a travel time of more than an hour, which makes it difficult, to a certain extent, its insertion in tourism circuits international. The hotel capacity is also very limited, presenting itself, for now, as a destination for

domestic and regional tourism. Ecological and cultural tourism is one of the areas of great potential for the future. It will be able to become, also, a type of ecotourism for the inhabitants of the Greater Bay Area. In what respects to industrial capacity, it is found in

full evolution the launch of the new industrial zone. It is, however, quite evident that Zhaoqing will benefit from the acceleration of the integration of the Foshan-Canton axis, to which it belongs.

The geographical location of Zhaoqing, on the axis of connection between the Greater Bay Area and the south and southeast of China, and through this to Southeast Asia, confer on Zhaoqing an important role in the geographical and functional connection of that area to the initiative "One Belt, One Road". It is not something new for Zhaoqing, a time when the districts of Fengkai and Huaji were points of contact between the west and China, on the old Maritime Silk Road.

With the integration in the Greater Bay Area, its tourism potential will be elevated. Since it is managed with wisdom and preserving its ecological characteristics, it will be able to become a true destination of high quality, associating ecological tourism with the historical and cultural heritage that it possesses. We foresee times of a new prosperity. 





HENGQIN

Novo plano com benefícios mútuos

Texto | Paulo Barbosa

Virada para o mar e a pouca distância de Macau, a Ilha de Hengqin (ou da Montanha, como é conhecida pelos portugueses) tinha apenas 4000 habi-

tantes espalhados por esparsas aldeias e explorações de ostras em 2009. Foi em Janeiro desse ano que o então vice-presidente, Xi Jinping, visitou a ilha e anunciou planos

para a desenvolver, criando sinergias com Macau e com toda a sua área envolvente. Começou nessa altura a ser planeada uma mega-cidade com amplas áreas turísticas e

espaços de inovação científica e arquitectónica. No cruzamento entre o Rio das Pérolas e o Mar da China Meridional, Hengqin é a maior ilha do município de



O Reino dos Oceanos do Parque Chimelong é a principal atracção turística da ilha vizinha a Macau

Zhuhai, com uma área total de 106 quilómetros quadrados e uma população de 7909 pessoas, segundo dados estatísticos de 2017.

Em 14 de Julho de 2011, o Conselho de Estado aprovou a criação da Nova Área de Hengqin. De acordo com o Instituto para a Promoção do Investimento de Macau (IPIM), Hengqin tornou-se numa área “ainda mais especial do que as outras zonas económicas especiais da China”, com o Comité Administrativo de Hengqin a anunciar que estavam em curso um total de 75 projectos de grande escala no fim do ano passado, no valor de 219,9 mil milhões de yuans.

Com a RAEM a braços com escassez de espaço, foi arrendado à Universidade de Macau um terreno na ilha vizinha, onde espaço disponível não é problema. Ali, em frente aos estaleiros de Lai Chi Vun e à vila de Coloane, foi construído o seu impressionante campus, com acesso a Macau via túnel. As componentes principais do gigantesco projecto foram praticamente concluídas em finais de 2012 e o campus encontra-se em pleno funcionamento. Macau tem vindo a participar no desenvolvimento da ilha vizinha de outras formas, com vários empresários locais e o Executivo de Macau

**HENGQIN É A
MAIOR ILHA DE
ZHUHAI, COM
UMA ÁREA TOTAL
DE 106KM²**

a investirem no local, como o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong-Macau. Alguns particulares têm feito investimentos imobiliários na ilha vizinha, uma tendência que se prevê crescente à medida que as barreiras fronteiriças sejam atenuadas para a circulação de pessoas e veículos. A última novidade aconteceu em Abril deste ano, quando a



AS VANTAGENS DE INVESTIR OU TRABALHAR NA ILHA VIZINHA

Para além da proximidade a Macau, Hengqin apresenta muitas vantagens estratégicas no âmbito da área da Grande Baía. Está localizada a apenas 34 milhas náuticas de Hong Kong, o que representa apenas uma hora de barco. Com a abertura da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, a deslocação de Hengqin a Hong Kong por carro

foi encurtada para cerca de meia hora.

Dentro do raio de 100 quilómetros quadrados, existem cinco aeroportos internacionais e domésticos, nomeadamente, os aeroportos de Hong Kong, Macau, Cantão, Shenzhen e Zhuhai. O Instituto para a Promoção do Investimento de Macau (IPIM) realça que “com o avanço dos projectos de transporte, incluindo a

Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, o metro ligeiro Cantão-Zhuhai, o comboio Cantão-Zhuhai e a Ponte Jinhai, a Ilha de Hengqin está prestes a tornar-se o novo *hub* de transporte entre a província de Guangdong, Hong Kong e Macau”. Na apresentação que faz de Hengqin a potenciais investidores, o IPIM cita ainda “vantagens ecológicas”, indicando que 90 por cento

dos terrenos da ilha não estão ainda urbanizados e que 70 por cento destes são classificados como áreas com proibição de construção ou de construção limitada. Nas construções, é obrigatório o uso de materiais ecológicos e a maioria da ilha é “constituída por oceano, florestas e zonas húmidas”.

A facilidade para atrair recursos humanos é outra vantagem citada na apresentação

do IPIM, já que há muitas instituições de ensino superior frequentadas por milhares de alunos em Hengqin ou nas suas proximidades, incluindo a Universidade de Macau, a Universidade de Zhongshan, o Hong Kong Baptist College e o United International College em Zhuhai.

A Nova Área de Hengqin implementa também uma série de políticas fiscais preferenciais, com as empresas ali estabelecidas a benefi-

ciarem de uma redução de 15 por cento nos impostos sobre rendimentos. Outras medidas estipulam que as trocas de mercadorias entre as empresas da área são isentas de imposto de valor acrescentado e/ou de impostos de consumo.

Na tentativa de atrair mão-de-obra de Macau e Hong Kong, os residentes de Hong Kong e de Macau que trabalham na Nova Área de Hengqin apenas necessitam de

pagar impostos sobre o rendimento pessoal auferido igual ao que pagam em Hong Kong ou Macau. Alguns veículos com matrícula de Macau foram autorizados a circular na ilha, embora o sistema de quotas estabelecido faça com que poucos veículos sejam elegíveis e ainda se esteja longe do desiderato inicialmente anunciado de abrir Hengqin à circulação generalizada de carros de Macau.

ATERROS EQUIVALEM A METADE DE MACAU

Os planos para a de aterros em Macau são ambiciosos, mas o Comité Administrativo de Hengqin pretende expandir a ilha vizinha numa área equivalente a metade da península de Macau. Os planos foram publicados no ano passado e irão demorar uma década ou mais a concretizar-se. Irão servir para servir de alavanca para a economia azul (ligada ao mar) e o sector turístico, entre outros. Segundo os planos, uma parte dos novos aterros ficará disponível para desenvolvimento de parcerias entre Hengqin e Macau.

O novo campus da Universidade de Macau ocupa uma área de 1km² em Hengqin



Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma lançou oficialmente o “Plano de Construção da Ilha Internacional de Turismo e Lazer de Hengqin”. O documento refere que a ilha deverá dar prioridade a promover a diversificação económica de Macau, ser uma base para turismo internacional de primeira classe e uma área nacional de demonstração turística.

Alguns passos nesse sentido já foram dados, tais como a abertura do Parque Temático de Chimelong em 2014. Depois do anúncio do novo plano em Abril, o jornal *National Business Daily* reportou que a empresa Chimelong está agora a considerar a construção de um teleférico que ligaria o parque temático a atracções próximas em Macau. Um outro parque temático, este dedicado ao cinema e promovido pela Lionsgate Entertainment World, deverá abrir ainda este ano.

Já o Hengqin Port, em fase final de construção, será o novo nóculo de transportes na ilha, com as previsões oficiais a apontarem para uma capacidade de aumentar o número diário de travessias entre Macau de 70 mil para 222 mil. Outras infra-estruturas facilitarão o transporte inter-regional: no ano passado foi aprovado o novo terminal de Hengqin, que deverá estar a funcionar em 2022. A ligação de comboio rápido entre a metrópole de Cantão e Zhuhai vai ser estendida a Hengqin, com espaço reservado para uma futura ligação com o metro ligeiro de Macau.

Durante um seminário organizado para apresentar o plano em Macau, a directora dos Serviços de Turismo, Helena de Senna Fernandes, referiu que Hengqin e Macau “podem explorar em conjunto



**A COMISSÃO
NACIONAL DE
DESENVOLVIMENTO
E REFORMA
LANÇOU ESTE
ANO O “PLANO
DE CONSTRUÇÃO
DA ILHA
INTERNACIONAL DE
TURISMO E LAZER
DE HENGQIN”**

um novo modelo de cooperação para o desenvolvimento da ilha internacional de turismo e lazer de Hengqin, agarrar as oportunidades trazidas pelo ‘plano de construção’ e fazer bom uso de medidas de benefício relevantes para alargar o espaço de desenvolvimento do turismo de Macau”. Tal permitirá promover o desenvolvimento diversificado da economia da RAEM, impulsionando o desenvolvimento integrado da indústria turística de Hengqin e Macau, de acordo com Senna Fernandes.

Desmond Lam, professor da Universidade de Macau (UM) com especialização em gestão turística e resorts integrados, refere que as transformações em curso em Hengqin trarão benefícios para Macau “se ambas as cidades trabalharem juntas em diferentes níveis,

nomeadamente diversificação turística (tipo de ofertas e suas diferenças), desenvolvimento comunitário e colaboração empresarial”.

Em declarações à MACAU, Lam coloca o cenário mais ideal que poderá resultar do plano apresentado em Abril: “Cada cidade pode oferecer algo diferente e único no tipo de acomodação, atracções, entretenimento e equipamentos disponíveis. Terá que haver uma cooperação entre as duas cidades. Num certo sentido, mover alguns turistas para Hengqin poderá libertar espaço em Macau para outros desenvolvimentos”. Lam explica que, dessa forma, se poderiam criar espaços ainda mais luxuosos na RAEM, atraindo outro tipo de turista para a região. Outro aspecto relevante para o professor da UM é que “re-

sidentes de Macau e Hengqin possam viajar, viver e trabalhar – embora com uma capacidade limitada – em cada cidade, para facilitar a mobilidade da força de trabalho”. Desmond Lam diz que o novo plano vem criar condições para que as pequenas e médias empresas locais possam estabelecer *joint-ventures* em projectos que sejam benéficos para ambas as cidades.

Pensando a médio-longo prazo, Lam diz que a “plena mobilidade” [o conceito inglês de ‘seamless travel’] na área da Grande Baía pode tornar-se uma realidade, mas lança algumas objecções: “Pode ser difícil encontrar um chão comum para que [as regiões] trabalhem para atingir benefícios mútuos, por várias razões, incluindo políticas. Acredito que vai levar algum tempo.” **M**

Macau 2018 Livro do Ano



O CD edição especial
"Macau 2018 - Livro do Ano"
está à venda por 60 patacas

A edição especial em língua chinesa, portuguesa e inglesa do CD "Macau 2018 - Livro do Ano", publicado pelo Gabinete de Comunicação Social, já se encontra à venda.

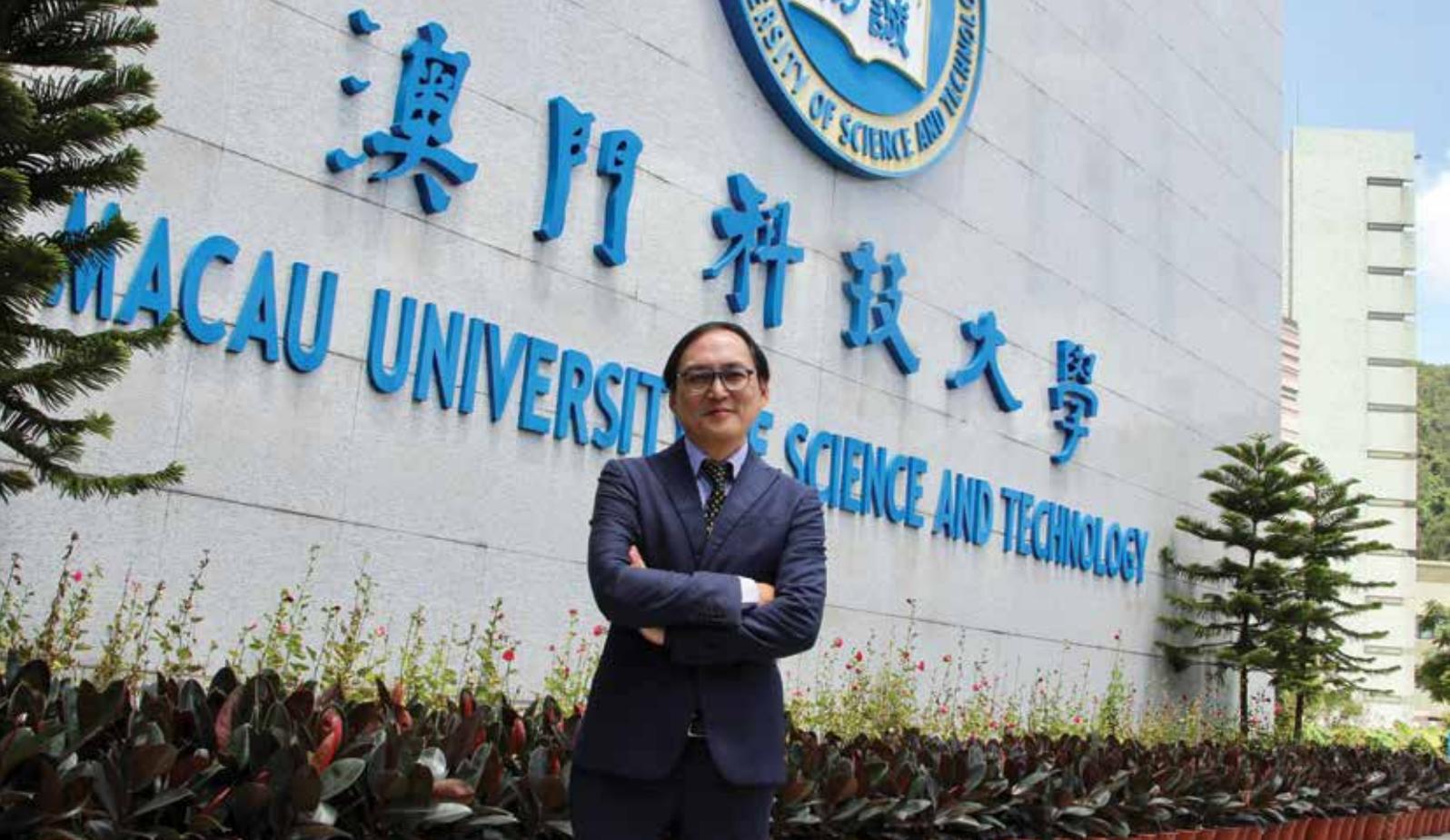
O anuário "Macau 2018 - Livro do Ano" regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. Desde 2002 que o "Macau - Livro do Ano" é publicado em três línguas, chinês, português e inglês.

A edição deste ano inclui um CD-ROM e um selo "Flor de Lótus", para expressar o apoio do Gabinete de Comunicação Social, de acordo com a política do Governo da RAEM, ao desenvolvimento das indústrias culturais e criativas de Macau.



Locais de venda:

Nas principais livrarias de Macau, no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações da Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa.



MANSON FOK | REITOR DA FACULDADE
DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA MUST

**“Espero que as
pessoas sintam que
isto é importante para
Macau”**

Texto e Fotos | Paulo Barbosa

O sistema de saúde de Macau está a enfrentar desafios inéditos, com a população a envelhecer, uma taxa de natalidade

crecente e o volume de turistas a aumentar de ano para ano. Foram estes os motivos que levaram a Universidade de Ciência e Tecnologia de

Macau (MUST, na sigla inglesa) a decidir, com o aval do Governo, abrir a primeira escola médica em Macau, que vai começar a operar já no

ano lectivo que se avizinha. As expectativas são grandes para o curso que terá a duração de seis anos, incluindo cinco anos de aulas regulares

e um de prática clínica. Em entrevista à MACAU, Manson Fok, reitor da Faculdade de Ciências Médicas da MUST, confirma que se espera que o curso, ao dar prioridade a alunos locais, vá liderar o treino da primeira geração de médicos formados em Macau. Demonstrando o interesse intenso que o curso está a suscitar, Manson Fok confirma que já foram entrevistados centenas de candidatos para apenas cerca de 50 lugares disponíveis. Durante a entrevista, Fok, que também lecciona medicina em Hong Kong, para além de ser cirurgião e gastroenterologista, realça que o curso será crucial para assegurar a sustentabilidade do sistema médico local.

Quantos estudantes se candidataram ao primeiro ano

académico do programa do bacharelato de medicina e cirurgia (MBBS)?

Ainda continuamos no processo selectivo. Já entrevistámos [até finais de Junho] cerca de 150 estudantes locais, alguns deles já licenciados por outras universidades. Vários estão a estudar medicina em locais como o Interior do País e já vão no segundo ou terceiro ano. E querem começar de novo aqui. Fico satisfeito que eles achem que temos um bom currículo, que os atraiu.

E quanto a estudantes vindos do exterior?

Entrevistámos alguns, incluindo um de Portugal. O currículo é todo em inglês e seguimos um programa de estudos internacional. Também temos cerca de 200 can-

didatos do Interior do País.

Há um número muito elevado de candidatos. Quantos podem aceitar?

Estamos a começar uma nova faculdade. O nosso objectivo é treinar os estudantes de forma individualizada, com atenção e qualidade. Por isso, não queremos uma turma grande, embora tenha que ter um tamanho razoável para que seja funcional. Pensamos que entre 30 e 50 é uma boa quantidade para os primeiros dois ou três anos. Talvez possamos chegar aos 50.

Nesse caso, serão deixados de fora muitos candidatos.

Infelizmente sim, mas penso que temos um bom currículo e bons professores. Para que o curso seja bem-sucedido pre-

“O NOSSO ENFOQUE EM INVESTIGAÇÃO É FAZER COM QUE SEJA UMA OPORTUNIDADE DE TRANSFORMAR ESSE TRABALHO EM PRODUTOS QUE POSSAM BENEFICIAR OS PACIENTES”



cisamos também de bons estudantes, temos que seleccionar os melhores.

Foi dito na apresentação que o curso será prioritariamente para locais. Qual será a percentagem?

Cerca de 50 por cento, mas talvez seja mais e chegue aos 60 a 70 por cento.

Quais são os critérios de avaliação dos candidatos?

Há muitas formas de avaliar e fazêmo-lo de uma forma não tendenciosa. É claro que olhamos para as notas, particularmente em ciências, porque a medicina é exigente. Depois entrevistamos os candidatos. Temos quatro entrevistadores independentes e fazemos questões não apenas sobre porque querem estudar medicina, mas testamos o seu pensamento abstracto, apresentamos cenários para ver como reagiriam. Há diferentes pro-

vas para que possamos ter um melhor conhecimento da pessoa. Há quem seja muito bom a estudar, mas depois tenha problemas na interacção com as pessoas. Para ser um bom médico, a comunicação é muito importante.

Optar por um curso leccionado em inglês pode colocar problemas a estudantes da região que não tenha um nível de inglês tão alto.

Fiquei surpreendido porque no caso dos muitos estudantes que entrevistámos e aqueles que seleccionámos, o nível de inglês não é mau. A conversação é fluente. Mas vamos ter sessões especiais todas as semanas para ensinar terminologia médica em inglês. Isso é muito importante.

A maioria dos professores virá de Hong Kong?

Não. Temos em curso uma campanha de recrutamento global de professores, com

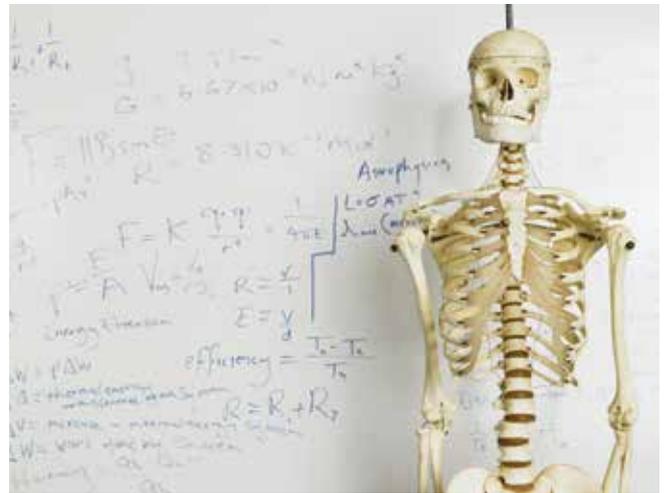
candidatos de diferentes partes do mundo. Há um número significativo de professores de etnia chinesa. Mas nem todos.

Também virão professores de Portugal...

Em Portugal esperamos fazer mais, porque temos acordos com duas das maiores escolas

médicas no país: a Universidade do Porto e a Universidade de Lisboa. Teremos uma relação próxima com eles em termos de ensino e também de intercâmbio de estudantes e estágios.

Para criar uma escola de medicina são necessárias instalações sofisticadas.



Nos primeiros anos vão funcionar em instalações temporárias que estão agora a ser construídas...

Julgo que o *hardware* não é tão importante como o *software*, ou seja, bons estudantes e bons professores. Os primeiros dois anos do curso são sobre ciência básica, portanto focamo-nos mais no programa de estudos do que nas instalações. Teremos um programa muito bom. Estamos prontos para assinar um acordo com uma das instituições de topo nos Estados Unidos por forma a adquirir o programa de ciência básica deles, com o qual ensinam os estudantes. Vamos ensinar aqui com base nesse programa. Se os nossos estudantes passarem esse progra-

ma, terão o mesmo certificado do que essa escola nos EUA.

Isso remete-nos para a questão da certificação. É referido nos prospectos que quem conclua o curso poderá solicitar a certificação para exercer medicina em Macau.

É por isso que a prioridade vai para estudantes locais. A vantagem de estudar aqui é que em Macau há escassez de médicos jovens. Actualmente todos eles tiram os cursos no Interior do País. São formados lá, mas às vezes não entendem o sistema de saúde local. O que esperamos é que a grande maioria dos que formaremos se tornem médicos aqui e iremos investir muito para que isso aconteça.

Mas certamente será importante para muitos deles poderem ser médicos noutras regiões ou países e terem as respectivas acreditações...

O objectivo do nosso currículo também é esse. Está estruturado de uma forma que, a partir do primeiro ano, os estudantes terão um período em que poderão estudar no estrangeiro, ou ir para algumas das universidades de topo na China. Não quero que estudem só aqui. Deixaremos que vão para Portugal e para outros locais com escolas médicas, de forma a poderem aprender e observar diferentes tipos de pacientes. Temos muitos expatriados que estão a vir trabalhar para Macau e trazem diversos géneros de doenças. Numa escola [mé-

“A VANTAGEM DE ESTUDAR AQUI É QUE EM MACAU HÁ ESCASSEZ DE MÉDICOS JOVENS”





dica] na China nunca é possível ver este tipo de doentes.

Há quem considere que Macau não tem o tipo de patologias necessário para viabilizar uma escola médica. Como responde a isso?

Se olharmos para a população económica, Macau é muito maior do que isso. Há 35 milhões de visitantes por ano. E agora Macau é parte da Grande Baía e a formação médica está interligada. Os nossos estudantes irão para a Grande Baía para receber formação. Já falámos com Shenzhen, com o Hospital da Universidade de Hong Kong. Eles vão receber os nossos estudantes. Também vamos conversar com a Universidade de Cantão.

Está tudo pronto para começar as aulas em Setembro?

Estaremos prontos em Setembro, embora as infra-estruturas para começar o curso sejam humildes.

Qual é o investimento previsto em instalações?

A forma de ensinar agora é muito diferente do que era. Antes a parte de ciência básica consistia em palestras. Agora, todos os estudantes têm telefones, *tablets*. Tendem a não ouvir os professores. O ensino tem que ser inovador. A informação está disponível. É mais importante encontrar maneiras de integrar o conhecimento dos estudantes e fazê-lo relevante para os anos de prática clínica. Pretendemos fazer isso

“INVESTIR EM EDUCAÇÃO, CONFERÊNCIAS E TURISMO MÉDICO SÃO PASSOS LÓGICOS PARA DIVERSIFICAR MACAU. PODIA CRIAR-SE UMA INDÚSTRIA ENORME, QUE VÁ COMPLEMENTAR AS INDÚSTRIAS DO ENTRETENIMENTO E TURISMO”

e precisaremos de muitos produtos inovadores e integrados. Os custos são altos.

Na apresentação do curso foi referido que haverá várias disciplinas inovadoras,

na esperança de formar os “médicos de amanhã”. Pode dar alguns exemplos?

O principal é que não nos focamos nos estudantes passarem exames, coisa que foram treinados para fazer toda a vida.

Queremos que sejam bons médicos. Pela minha experiência, os que apenas passam os exames nem sempre se tornam em bons médicos. A formação pessoal é mais importante, portanto passaremos muito tempo focados em assuntos como ética médica ou comunicação. E também em aplicar os conhecimentos em cenários onde existam doentes reais. Mesmo que se disponha de um grande hospital [universitário], os estudantes vão lá ver os doentes e talvez estes não comuniquem tão bem e a informação que se retira seja errónea. Por isso, utilizaremos equipamentos modernos que estão disponíveis. Por exemplo, em anatomia actualmente não usamos cadáveres para fazer dissecação. São antes usados modelos e visualizadas imagens em três dimensões. Nos anos clínicos começaremos com simulações,

por forma a que os estudantes sejam capazes de fazer coisas simples, como auscultar um coração. Antes haveria um paciente e 50 estudantes a auscultarem-lhe o coração. Pode-se imaginar que esse doente se sentia terrivelmente. Depois da fase da simulação teremos “doentes profissionais”, a quem ensinamos a forma de responder aos estudantes. Há várias técnicas que são usadas hoje e que são muito diferentes do que era feito antigamente.

O facto de terem o hospital da MUST ajuda?

Neste momento, o hospital é pequeno, mas suficiente para 50 estudantes. Espero que quando estiverem em operação os anos de prática clínica já tenhamos a funcionar uma nova ala deste hospital. Planeamos construir uma nova extensão com 350 camas e

esperamos ter isso a funcionar daqui a três ou quatro anos, dependendo da rapidez da aprovação das licenças de construção necessárias.

Há também o plano para abrir um centro de pesquisa médica interdisciplinar para fazer avançar a investigação. Quais são as novidades neste campo?

Já fazemos investigação científica e achamos que é muito importante que a escola médica desenvolva simultaneamente investigação. É também uma boa maneira para trazer [ao curso] professores qualificados, que ensinem e estejam também activos na investigação. Isso também traz maiores oportunidades para os estudantes, porque alguns deles podem não gostar apenas de tratar doentes, podem querer descobrir novos conhecimentos através

da pesquisa. Penso que devemos desenvolver as duas vertentes simultaneamente.

As contratações de pessoal docente estão a ser feitas também com base nesse princípio?

Sim, o que eu penso sobre investigação é que não deve ser feita só por fazer, só para publicar mais artigos académicos ou para obter patentes que apenas beneficiam o próprio. O nosso enfoque em investigação é fazer com que seja uma oportunidade de transformar esse trabalho em produtos que possa beneficiar os pacientes: um novo medicamento, tratamento ou aparelho médico. Há uma tendência mundial no momento que leva os professores a não obterem reconhecimento pelo número de artigos que fizeram, mas antes pelo seu impacto real na sociedade.



O que está pensado em termos de estudos de especialidades médicas?

O curso é chamado MBBS e é um bacharelato em medicina e cirurgia. Abordaremos todas as especialidades, incluindo obstetrícia, ginecologia, pediatria, psiquiatria, entre outras. Queremos que os estudantes tenham um conhecimento básico destas especialidades, que seja suficiente para terem uma licença para exercer medicina.

E se os estudantes quiserem enveredar por uma especialidade médica?

Terão que fazer um programa para especialistas, que neste momento está a ser formulado pela Academia de Medicina de Macau. A prática internacional também é esta. Uma vez que o médico se forma, pode continuar a estudar uma especialidade.

Espera poder oferecer essa formação pós-graduada aqui?

A formação pós-graduada será oferecida no hospital [da MUST] e nessa altura os estudantes já serão médicos em fase de estágio.

Qual é a sua opinião sobre a prestação de cuidados médicos em Macau?

Olhando para as estatísticas, a MUST está a construir um hospital com 500 camas, o Governo está a construir um outro hospital [o Hospital das Ilhas] com 500 camas. Portanto, daqui a poucos anos Macau terá mais 1000 camas de hospital. Não há recursos humanos suficientes e é por isso que estamos a abrir o curso de medicina. Olhando para os serviços públicos, o sistema de saúde de Macau é bom, no sentido em que são providenciados muitos serviços gratui-



“ABORDAREMOS TODAS AS ESPECIALIDADES, INCLUINDO OBSTETRÍCIA, GINECOLOGIA, PEDIATRIA, PSIQUIATRIA, ENTRE OUTRAS. QUEREMOS QUE OS ESTUDANTES TENHAM UM CONHECIMENTO BÁSICO DESTAS ESPECIALIDADES, QUE SEJA SUFICIENTE PARA TEREM UMA LICENÇA PARA EXERCEREM MEDICINA”

tos, melhor do que em muitos sítios do mundo. Mas acho que os serviços especializados ainda não estão a par com os padrões internacionais que os cidadãos de Macau exigem. Esperamos disponibilizar bom treino médico, bons médicos e, depois, formá-los para que sejam especialistas. Mas isto demorará tempo.

O Governo tenciona tornar Macau numa cidade propícia ao turismo médico, como acontece, por exemplo, em

Bangucoque. Acha que esse plano está agora mais próximo de se tornar realidade?

Investir em educação, conferências e turismo médico são passos lógicos para diversificar Macau. Podia criar-se uma indústria enorme, que vá complementar as indústrias do entretenimento e turismo. Em Las Vegas, metade das conferências são do sector médico. Podia-se trazer muitos conferencistas e respectivas famílias até aqui. A saúde é muito importante. Se olharmos para

loais como a Tailândia e Índia, são locais que desenvolveram o turismo médico com grande subsidiação do governo. E tem sido muito lucrativo, não apenas para as empresas envolvidas, como para o governo, dado que se trazem pessoas com recursos para acederem a serviços médicos.

Este curso será um dos cursos mais acessíveis na área da Grande Baía. Quanto é que custará a propina anual para um estudante local e

FÓRUM LUSÓFONO PREPARA O 50.º EVENTO

O professor Manson Fok é presidente do Fórum Internacional de Medicina Sino-Luso, que tem proporcionado a partilha de informações sobre os avanços da medicina entre médicos de Macau, da China e dos países falantes de língua portuguesa. A iniciativa arrancou em Maio de 2011 e terá este ano o seu 50.º evento. Os encontros discutem temas tão diversos como a biotecnologia, a oncologia ou o tratamento de traumas, sendo realizados em Macau e em diversas cidades espalhadas pelo mundo, tais como Pequim, Manila, Porto ou Pnhom Pehn. “É importante porque Macau é pequeno e não temos a oportunidade de observar casos de doenças mais raras. Por isso, trazemos especialistas que trocam conhecimentos com médicos de topo na China. Os médicos locais beneficiam dos debates e das sessões práticas,” refere Manson Fok.

para um não residente?

Estamos a pedir 55 mil patacas por ano para um estudante local. Para não locais a propina é de 160 mil. Mas o que gastamos por cada aluno será várias vezes mais, especialmente nos anos de prática clínica. Não vamos cortar nos custos, incluindo todos

os equipamentos inovadores que estamos a adquirir agora, o currículo [dos EUA] e os professores. Vamos ensinar ciência básica com professores doutorados, de preferência médicos. Em Hong Kong, a maioria destes cursos é ensinada por doutorados que não são médicos, portan-

to não conhecem a relevância do que ensinam. Neste momento, ensinar anatomia é diferente, ensinamos anatomia cirúrgica laparoscópica e radiológica. Quando observam um *CT scam*, sabem exactamente o que é anatomia. Isto é diferente do que ensinar com um cadáver. O campo

do treino médico está a mudar. É importante que tenhamos bons professores a partir do primeiro ano, embora não seja fácil arranjar médicos que queiram ensinar ciência básica. Pode ser que não consigamos todos, mas pelo menos metade será médicos.

Portanto, o curso será definitivamente não lucrativo?

Sim. E é difícil angariar fundos. Não sei se vamos receber financiamento público, mas espero que as pessoas sintam que isto é importante para Macau. Não é apenas para a MUST, é para Macau e para bem do futuro do nosso sistema médico. Se houver esta percepção, talvez haja patrocínios empresariais para apoiar estudantes e alguns dos professores, para que possamos trazer professores da melhor qualidade. **M**





Rádio local mantém relevância na era digital

As emissões de rádio em Macau passaram por altos e baixos ao longo de quase 70 anos de história. Hoje em dia, a rádio local conhece tempos de esperança, com a Internet a trazer uma audiência global. A magia da rádio permanece e há quem prefira a intimidade que proporciona – ter uma voz ou uma canção a soprar no seu ouvido – a outros meios de comunicação menos sugestivos

Texto | Paulo Barbosa

A rádio emitida localmente chegou a Macau em 1933, mas passou por longas décadas de amadorismo e intermitência até chegar ao seu “formato actual”, como diz Manuel Pires, presidente da Comissão Executiva da Tele-difusão de Macau (TDM). As

emissões da estação pública começaram a ter um maior grau de profissionalismo e regularidade a partir do início da década de 80, com o surgimento de dois canais de rádio pública, um em chinês e outro em português. Saltando para o presente, Manuel Pires refere à MACAU

que as emissões de rádio da TDM têm “duas grandes vertentes, seja para a Rádio Macau, seja para o canal Ou Mun Tin Toi, em chinês”. São elas a prestação de serviço público através do apoio aos trabalhos de protecção civil e do serviço às várias comunidades que residem em Macau.

“Na perspectiva da protecção civil, tivemos infelizmente como exemplos recentes dois super-tufões em 2017 e 2018. Claramente, a rádio tem um papel primordial em termos de prestação atempada da informação para a população”, diz Pires, frisando que “o reforço do trabalho da rádio,

até porque as novas tecnologias o vêm permitir, será muito orientado nesse sentido”. Outra prioridade que tem vindo a ser trabalhada desde há alguns anos é o serviço às comunidades imigrantes existentes na região. “Macau é cada vez mais uma cidade cosmopolita em termos de comunidades que residem e a TDM, nas suas diferentes plataformas – quer seja na rádio, quer seja na televisão –, tenta responder a essa realidade”, diz o presidente da empresa. “Um outro desenvolvimento é juntar o áudio ao vídeo, o que é cada vez mais possível com base nas novas tecnologias.” Na rádio Ou Mun Tin Toi, aos dias úteis há o programa matutino Fórum Macau, no qual os ouvintes podem telefonar e apresentar ideias e opiniões. “Às quartas-feiras há habitualmente convidados e optou-se por uma estratégia de o programa ser também transmitido em vídeo. Este é um

primeiro passo”, argumenta o presidente da TDM. “Penso que a rádio nunca perderá o seu papel, e em Macau de certeza que não. Mas haverá sempre que evoluir e adaptar-se aos novos tempos e às novas tecnologias e haverá uma componente vídeo que será acoplada gradualmente.” De momento, a plataforma tecnológica da rádio está virada para as *push messages* na aplicação móvel, embora também haja programas disponíveis através de *podcasts*. Com um número crescente de ouvintes a preferirem a Internet aos velhos transístores, Manuel Pires confirma que “a rádio é cada vez mais uma plataforma móvel. Se inicialmente se ouvia através de um aparelho transístor, em casa, no carro ou no escritório, hoje em dia passou a ser quase uma plataforma móvel à qual as pessoas acedem através dos telemóveis, dos seus computadores. Há que adaptar-se a essa nova

A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO PÚBLICO É A PROXIMIDADE COM AS VÁRIAS COMUNIDADES QUE RESIDEM EM MACAU SÃO AS DUAS MISSÕES ACTUAIS DA RÁDIO

plataforma e às novas circunstâncias”. Essas tecnologias permitem que a rádio seja agora ouvida em múltiplas partes do globo e a aplicação para telemóveis da TDM, que disponibiliza emissões de TV e os dois canais de rádio, já tem mais de 250 mil descarregamentos. “Sabemos que há pessoas que passaram por Macau, ou que têm interesse em Macau ou que são de Macau e que neste momento vivem no exterior e que querem continuar a manter ligações à terra”, observa o presidente da empresa. Com uma redacção de cerca de meia centena de jornalistas, os canais de rádio da TDM vão também enfrentando o desafio de encontrar os recursos

A redacção da Rádio Macau conta com 10 jornalistas a tempo inteiro



humanos apropriados, que é partilhado por tantas outras empresas locais. Pires admite que “não é fácil conseguir quadros permanentes em Macau”, mas diz que os canais de rádio têm tido sucesso na angariação de colaborações externas. “Isto permite-nos, no caso na Ou Mun Tin Toi, ter uma produção própria de 24 horas, e no caso da Rádio Macau termos uma programação bastante alargada. Passa muito pela colaboração externa, que temos conseguido com a cooperação de muitas instituições, e que nos permite ter a informação e entretenimento de Macau em horários mais alargados”, explica.

No caso da Ou Mun Tin Toi, há uma cooperação de longa data com estações de cidades vizinhas e “um esforço, com este projecto da Grande Baía, para reforçar ainda mais a colaboração que já existe”, afirma.

“Geração da RAEM”

A voz mais veterana da Rádio Macau é Gilberto Lopes, para quem durante os quase 20 anos de existência da RAEM houve um salto significativo em termos tecnológicos quando a emissão passou a ser digital. O canal português dispõe de um estúdio de emissão e três de gravação. “Em termos de recursos humanos houve uma grande evolução. Neste momento temos nos nossos quadros 10 jornalistas, seis animadores, uma tradutora, eu, um secretário e dois produtores em *part-time*, que trabalham essencialmente ao fim-de-semana”, nota Gilberto Lopes, que é chefe do canal de rádio português desde 2000 e, desde Abril deste ano, director adjunto dos canais de informação e programas portugueses da TDM.



△ Gilberto Lopes é a voz mais veterana das transmissões em língua portuguesa

**INFORMAÇÃO
SOBRE MACAU E
A CHINA, MÚSICA
LUSÓFONA
E EVENTOS
COMUNITÁRIOS
SÃO OS
ALICERCES DA
TRANSMISSÃO**

“Os nossos trabalhadores são hoje essencialmente uma equipa que faz parte do que eu costumo chamar ‘geração da RAEM’, isto é, gente que veio para Macau depois de 1999. Sendo jovem – a maior parte das pessoas tem menos de 40 anos –, na grande maioria tem mais de 10 anos de experiência de Macau. Esta redacção jovem, mas com muita experiência, com muita gente vinda dos jornais e outros com experiência radiofónica, permite hoje ter uma redacção que tem um grande conhecimento do território, o que faz com que tenha uma grande dinâmica e, muitas vezes, ande à frente das notícias.”

Para além de quadros próprios, a emissão em 98 FM tem ainda colaboradores que fazem programas específicos e colaborações regulares com instituições como a Universi-

dade de São José, a Fundação Rui Cunha, a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus. Programas radiofónicos de debate como o Contraponto e o Fórum Macau (no canal de rádio chinês) são retransmitidos pelos canais televisivos da TDM.

Questionado sobre as linhas mestras da programação, Gilberto Lopes sublinha que há subjacente a obrigação de cumprir o serviço público em português: “É filosofia dos canais portugueses da TDM – rádio e televisão – de que não somos um canal português, mas um canal em língua portuguesa. Na área da informação, o objectivo é fazer informação sobretudo local, cobrindo tudo o que tem a ver com Macau e com uma grande atenção à região envolvente, Hong Kong, China e também a outros países que, dadas as características

do território, têm comunidades radicadas aqui. A componente do que se passa em Portugal é também importante e depois damos uma visão do que é fundamental na actualidade internacional”.

Na componente da emissão, o chefe do canal de rádio português da TDM sublinha que o foco está na música lusófona. Há também uma tradição de destacar alguns dos eventos da lusofonia que se vão passando na cidade, como o 10 de Junho (Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas) e o Festival da Lusofonia, com vários directos ao longo do dia, incluindo reportagens e transmissão de cerimónias e concertos. Outros programas especiais são emitidos ao vivo quando se justifica, tais como os que foram feitos a partir da

A TDM TEM AINDA NA MIRA A INTRODUÇÃO DE MAIS PROGRAMAS DE RÁDIO EM DIFERENTES LÍNGUAS

▽ Gilbert Humphrey é o mentor, desde 2012, do programa indonésio “Kumbang Channel”

Escola Portuguesa de Macau e de outras instituições.

Há cerca de dois anos foram retomadas as emissões até à meia-noite, o que sucedia no período final da administração portuguesa e foi interrompido porque muitos jornalistas regressaram a Portugal aquando da transferência. Neste momento, a emissão do canal português decorre entre as sete da manhã e a meia-noite, com o restante período a ser preenchido pela retransmissão da Antena 1 portuguesa. “Entendemos que era fundamental responder a um auditório que nós sabemos que existe e que nos ouve durante a noite”, explica Gilberto Lopes. “O horário existente parece-me o mais adequado. Perguntarão sempre porque não 24 horas e se houvesse condições emiti-

ríamos durante 24 horas, mas provavelmente não se justifica informação local para lá das 23h00.” A solução encontrada foi prolongar os noticiários até essa hora e incluir algumas rubricas feitas especificamente para as últimas horas do dia, como a antecipação dos títulos dos jornais feita pelos editores, programas dedicados a vários géneros musicais e o noticiário cultural feito no programa “Equador”, de Carlos Picassinos.

Ao todo, o canal português transmite 15 noticiários diariamente, 13 deles de informação geral, um dedicado ao desporto e outro sobre o mundo da economia e negócios. No âmbito das novas tecnologias, a Rádio Macau disponibiliza na página da Internet um noticiário por dia (o das 19h), diversas notícias em texto, os programas semanais e as inúmeras entrevistas feitas a figuras de Macau e personalidades que vão passando pelo território. Redes sociais como o Facebook são usadas para dar notícias de última hora e complementar programas como o “Vinhos na Rádio”, que tem uma versão em vídeo no Facebook.

Fórum Macau: o trunfo da programação

Benjamin Tong, director adjunto substituto de informação e programas informativos chineses, considera que o trunfo da programação da rádio chinesa da TDM tem sido “desde há muitos anos o Fórum Macau, que é um bom programa para o público”. O *talk-show* radiofónico aborda os tópicos que estão no centro das preocupações da opinião pública.

Entrevistado pela MACAU, Tong confirma que, à semelhança do que sucede no ca-



HISTÓRIA DA RÁDIO



DOS PROJECTOS EFÉMEROS AO PROFISSIONALISMO

A primeira emissão de rádio em Macau aconteceu em 26 de Agosto de 1933, a partir de um estúdio localizado na torre do relógio daquela que é hoje a sede da Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações (CTT), na Avenida Almeida Ribeiro.

Com emissões de duas horas diárias, a rádio em língua portuguesa manteve a sua actividade até 1941, sob as designações CQN-MACAU (extinta em 1938 numa manobra contabilística, com a propriedade da estação a passar do Governo para os CTT) e CRY-9-MACAU. Como contava o jornalista Paulo Rego em artigo publicado na MA-

CAU em 1994, foi nesse longínquo mês de Agosto que venceu “a teoria da imprescindibilidade da rádio como um dos pilares da presença portuguesa neste cantinho asiático”. E foi então que surgiram 30 mil patacas “negociadas a braço de ferro” para adquirir o material que possibilitou as primeiras emissões. Com a rádio no ar, ainda que de forma intermitente e amadora, “o Palácio da Praia Grande facilitava um instrumento facilitador da comunicação com o segmento português da população; a península perdia a total dependência informativa dos órgãos de Hong Kong; a saudade ganhava um combataente inesperado”.

Em 1938, as ondas hertzianas

começam a ser usadas como um instrumento securitário, com a polícia a montar uma rádio que funcionou até 1941 na Esquadra n.º 2, junto ao Canidromo.

Com a II Guerra Mundial e os invasores japoneses às portas de Macau, a rádio local sofre convulsões e terminam as emissões da CRY-9-MACAU. Segundo a informação disponibilizada pelo Museu das Comunicações, em 1941 o equipamento e instalações desta estação pioneira é “herdado” pelo novo Rádio Clube de Macau, que emite programas em português, chinês e inglês.

Mas a rádio só assume uma função comercial a partir do dia 6 de Março de 1952, quando abre a rádio Vila Verde,

com emissões diárias das sete da manhã à meia-noite. Existiam então em Macau 5265 transístores registados pelo Governo.

O projecto Vila Verde tem como mentor o influente Pedro José Lobo, que concebe uma rádio com emissões em cantonês e em português e alguns programas em inglês. Por paixão pela cultura portuguesa, o empresário macaense, que chegou a ser chefe da Repartição Central dos Serviços Económicos da região, mantém a emissão na língua da Camões durante 14 anos. Mas os efeitos da Revolução Cultural em Macau levam ao fim dos programas portugueses. Deu-se o episódio do “1-2-3” e há quem ameace invadir a estação e destruí-la. O radialista Johnny Reis recordou no artigo da autoria de Paulo Rego a forma agitada como viveu a última noite de emissões portuguesas da Vila Verde: “Aquela noite sem fim, com leituras de comunicados do governador, fica marcada mesmo em memórias distraídas, como a minha. Das 18h00 às 7h00, mantivemos diálogo permanente com a população”. A Rádio Vila Verde, no entanto, continuou com emissões em chinês, tendo suspenso operações em 1994 e reaberto em 2002. Esta rádio transmite alguns programas de entretenimento e música, notícia corridas de cavalos e outros resultados desportivos em cantonês.

O Rádio Clube de Macau durou 21 anos e conheceu períodos áureos. O radialista Niné-

lio Barreira lembrou como as suas emissões eram dedicadas em grande parte à música e língua chinesas, “despertando o interesse da população, que as acompanhava atentamente, por toda a parte: em casa, nas lojas e nas ruas”.

Esta estação semi-oficial dá lugar em Fevereiro de 1962 à ERM-Emissora de Radiodifusão de Macau, uma espécie de antecessora da TDM. Apesar das mudanças de nome, a rádio pública do território era ainda feita na base do famoso desenrascanço à portuguesa, com o recentemente falecido Alberto Alecrim, vindo de Goa (onde chegou a estar detido num campo de concentração após a invasão indiana do território em 1961) a dar cartas no Rádio Clube de Macau. São muitas as histórias picarescas envolvendo Alecrim, que subia ao terraço dos CTT para

ligar a rádio Macau à Emissora Nacional através de um rádio portátil, para que os apreciadores de futebol pudessem ouvir os relatos. Sportinguista ferrenho, desligava os cabos da antena sempre que os leões perdiam, dizendo aos ouvintes que “devido às más condições de transmissão atmosféricas não é possível continuar a retransmitir os relatos”. Em 1970 dá-se um novo marco para a rádio local, com a inauguração dos estúdios na Rua de Francisco Xavier Pereira. Em 1976 foi criado um Serviço Público de Radiodifusão, a Rádio Macau, com Alecrim a ser nomeado director em 1978. “Sempre fui, contudo, desde faxineiro a director. Era essa a única postura possível para se fazer rádio na altura”, lembrou à MACAU no artigo publicado em 1994.

Em 1982 é constituída a Tele-

visão de Macau (TDM), uma empresa pública que começa a emitir o canal radiofónico Ou Mun Tin Toi (em língua chinesa) em 1 de Janeiro de 1983, continuando em funcionamento o canal Rádio Macau (em língua portuguesa). Em Janeiro de 1985, o Ou Mun Tin Toi começou a transmitir em FM Stereo, mantendo a emissão em AM. Em Dezembro de 1985 o canal chinês passou a transmitir 24 horas por dia. A televisão só aparece em Macau 51 anos após as primeiras emissões radiofónicas, com a TDM a iniciar transmissões no dia 13 de Maio de 1984. A televisão só passou a ter dois canais em 1990, nomeadamente o Chong Man Toi (em língua chinesa) e o Canal Macau (em língua portuguesa).

nal português da rádio, também no chinês houve um desenvolvimento em termos de recursos humanos, que são “muitos mais” nos dias de hoje. “Antes de 2000 só tínhamos entre 10 e 20 jornalistas e editores no serviço chinês. Agora temos 30, o que ainda assim não é suficiente”. “A experiência é muito importante no jornalismo e temos alguns jornalistas com cerca de 20 anos de profissão, mas não muitos. A maioria é jovem”, diz. Quanto ao futuro da rádio, Tong alinha com o famoso refrão da banda britânica Queen. Talvez a rádio venha ainda a ter “a sua melhor hora”, se adaptada aos novos tempos e tecnologias. “A Internet teve um grande impacto na rádio. Tornou-se no veículo mais popular para os jovens e até para o público em geral. Isto devido aos *smartphones*, que faz com que seja conveniente terem acesso às notícias e ao que querem ver.” O pico de audiência clássico da rádio é a manhã e o director adjunto do canal chinês confirma que isso também sucede em Macau. Mas acrescenta que outro pico acontece após a meia-noite, quando muitas pessoas sintonizam a Ou Mun Tin Toi, que por essa altura suspende os seus programas informativos até às sete da manhã. “Antes de irem dormir, muitas pessoas querem ouvir a rádio”, refere Tong, acrescentando que ou os ouvintes não estão necessariamente ligados aos programas musicais que estão no ar a essa hora. Muitos ouvem nos seus telefones alguns dos programas do dia que são colocados no site da rádio. “As notícias que disponibilizamos na Internet e nas aplicações para telemóveis são muito importantes para



nós.” No entanto, Benjamin Tong não consegue estimar ao certo quantos ouvem a Ou Mun Tin Toi. Essa estimativa de audiências está a ser feita pela TDM, diz.

Rádio comunitária

A abertura a comunidades de imigrantes é outra das marcas da programação, particularmente no canal português de rádio. Aos sábados, entre as 20h00 e as 21h00, é emitido o programa “Tagay Pinoy” em tagalo, e aos domingos, entre as 20h00 e as 22h00, é emitido o programa “Kumbang Channel” em bahasa Indonésia. “Penso que é uma abordagem que é importante a TDM ter”, nota o presidente da empresa, Manuel Pires. “Gradualmente, e quando as oportunidades surgirem, nós iremos também desenvolver programas noutras línguas, mas há alguma dificuldade em encontrarmos animadores que sejam fluentes nessas línguas.” Gilbert Humphrey, também conhecido como Beto Bebeto, é o mentor do programa em indonésio desde 2012, altura em que foi convidado pela direcção da TDM para produzir e apresentar o que começou por ser uma hora de música indonésia. “Após cerca de um ano [com esse formato] percebemos que quem está apenas a procurar música pode fazê-lo no YouTube e que devíamos fazer mais. Começámos a receber chamadas telefónicas”, conta Beto. “Essa abertura fez com que as pessoas comessem a ligar para o programa e foi aí que passámos a ser conhecidos.” Fruto do interesse que gerou entre a comunidade imigrante, o projecto evoluiu entretanto para uma emissão de duas horas, com convidados regulares, notícias viradas para a comunidade indonésia de Macau e um segmento

MEMÓRIAS HISTÓRICAS COM MAIS DE 180 EPISÓDIOS



Um dos programas mais populares da Rádio Macau é o “Falar de Memória”, que revisita semanalmente episódios da história de Macau. No ar desde Fevereiro de 2015 e já com mais de 180 edições, o programa semanal lançado pelo jornalista Hugo Pinto consiste em episódios com cerca de 10 minutos sobre assuntos tão diversos como o Movimento das Forças Armadas em Macau, a biografia do empresário Lou Kau, as Chapas Sínicas (a propósito de uma exposição que esteve patente na cidade em 2018) e as operações de espões norte-coreanos em Macau.

“Desde que vim para Macau desenvolvi um interesse pela história local e, à medida que a fui conhecendo, esse interesse cresceu ainda mais. O programa nasce desse interesse pessoal”, diz Hugo Pinto. Daí ter desafiado o jornalista e investigador João Guedes para se juntar ao programa. “É a pessoa in-

dicada, porque não só se interessa e sabe muito sobre a história de Macau, como também a conta bem e isso é muito importante”, conta Pinto. “O nosso trabalho é de divulgação das questões da história. Acho que foi um bom casamento entre a minha curiosidade e os conhecimentos do João.”

Ao pesquisar o passado da cidade, o jornalista constatou que “a história de Macau é muito pouco conhecida e é muito rica”. Por isso, o programa tenta focar “temas da história de Macau que, por diversos motivos não são muito alvos de estudo, nomeadamente aspectos mais recentes”.

Outro objectivo é que “os temas lançados tenham sempre uma ressonância com o presente, porque há muitas ligações, muitos ecos e muitos efeitos do passado na actualidade de Macau”, refere o autor.

Para além de estar disponível para audição no site da rádio, o programa é também distribuído no formato podcast, que pode ser descarregado para dispositivos móveis. Os podcasts são cada

vez mais uma outra forma de ouvir rádio, com a Apple a revelar que agregava em Abril deste ano 29 milhões de episódios naquele formato, muitos deles programas radiofónicos.

Para Hugo Pinto, esta é uma forma de chegar a mais ouvintes espalhados pelo mundo. “O podcast tradicionalmente é um formato em que um programa ou um determinado conteúdo é produzido propositadamente para a Internet. No nosso caso, é um programa de rádio disponibilizado na Internet”, define.

O “Falar de Memória” está na rádio e na Internet para continuar no mesmo formato. Ainda que João Guedes seja um jornalista ligado à televisão, não está planeada uma versão televisiva. “Acho que a rádio nesse aspecto é um meio muito superior à televisão, porque a rádio permite-te imaginar, enquanto a televisão é um meio totalitário, que te impõe uma ideia. Acho que a beleza deste programa tem a ver com o seu meio, com a rádio, que é um meio por excelência que permite sonhar, que transporta. Tu és sugerido pelas palavras que estás a ouvir e isso dá-te liberdade”, aponta Hugo Pinto. Segundo o radialista, temas para serem abordados no futuro não faltam: “Se estivéssemos a ficar sem temas o problema era nosso, porque há temas que nunca mais acabam”.

COOPERAÇÃO REFORÇA TRANSMISSÃO

Em termos de acordos com congéneres, a Rádio Macau estabeleceu recentemente um acordo com o grupo português Global Media, que lhe permite retransmitir alguns programas da rádio TSF. De acordo com os dados fornecidos à MACAU, a rádio local fornece semanalmente 18 programas para o Departamento de Português da Rádio Internacional da China (CRI), fruto de um acordo feito há muitos anos. Programas como “Contraponto”, “Fado a Oriente” e “Rádio Macau Entrevista” são transmitidos para ouvintes de rádios afiliadas em Portugal e no Brasil, para que estes possam conhecer melhor a vida de Macau.



em inglês entre as 21h00 e as 21h45. Chamado “Kumbang Toh” até ao início do ano, o programa mudou de nome para “Kumbang Channel”, reflectindo o facto de “estar a transformar-se num veículo de notícias mais sofisticado”, de acordo com o seu autor. “Fazemos rádio comunitária”. O programa tem uma relação privilegiada com o Consulado da Indonésia em Hong Kong e Macau, com diplomatas a serem convidados regularmente para difundir informações consideradas de interesse para a comunidade. Há também convidados vindos da Indonésia e é dada voz

△ **As emissões com conteúdos próprios em português vai das sete da manhã à meia-noite e em chinês prolonga-se por 24 horas**

aos que trabalham na região. “Sempre que temos convidados, o programa transforma-se mais num *talk-show*. Os tópicos são variam de acordo com os convidados. O consulado, na maioria das vezes, fala das leis em vigor em Macau e pode anunciar novos regulamentos que afectam a comunidade imigrante. Convidados da Indonésia são muitas vezes cantores, estrelas, e nesse caso o programa é de entretenimento puro. Se tivermos em estúdio indonésios que trabalham em Macau, falamos das suas vidas”, explica Gilbert Humph. Ao longo de seis anos de emis-

sões, Gilbert Humph diz que os momentos mais marcantes aconteceram quando se emocionou com as histórias pessoais que alguns convidados contaram e com o facto de as estar a partilhar com um auditório que chega ao vasto arquipélago indonésio. “A vida é dura para quem está a trabalhar como imigrante e os familiares na Indonésia precisam de compreender isso.”

Há também uma componente caritativa sempre que um acidente natural de grande escala atinge o país insular. Em colaboração com várias associações indonésias presentes em Macau e com o consulado, o programa organiza recolhas de fundos que são distribuídos nos locais atingidos por catástrofes.

“O programa prova que a população local aprecia os indonésios. É-nos permitido [pela TDM] que tenhamos a nossa própria plataforma. E queremos crescer mais. Hoje em dia estamos na era da Internet”, argumenta Gilbert Humph. Ter a rádio online expande a audiência para outras geografias e o produtor pretende agora apostar numa plataforma online própria para o KT News. “Em Macau não há nenhuma plataforma indonésia de notícias, como já existe em Hong Kong. Seria óptimo termos uma. Não seria um projecto comercial, porque só temos alguns milhares de indonésios em Macau e não temos muitas lojas indonésias [ao contrário do que acontece em Hong Kong]. Mas o próprio programa de rádio é comunitário. O que queremos criar é uma plataforma noticiosa especificamente para a comunidade.” A esperança do apresentador é que o projecto possa arrancar no próximo ano. M



ARTE URBANA

Uma corrente de arte ligada à electricidade

E se as cinzentas caixas de distribuição de electricidade espalhadas pela cidade se enchessem de cor e de histórias? Foi isso mesmo que pensou a Companhia de Electricidade de Macau (CEM), com um projecto de revitalização que dá oportunidade aos artistas locais para mostrarem a sua criatividade e para alegrarem o ambiente envolvente em vários pontos da cidade

Texto e Fotos | Lucas Calixto

Electricidade, Cultura e Criatividade, um triângulo que dá o mote ao projecto da Companhia de Electricidade de Macau (CEM) de revitalização de caixas de distribuição da energia

eléctrica com arte. A iniciativa tem criado e promovido espaços para muitos artistas locais mostrarem a sua criatividade, além de ser importante para o desenvolvimento das indústrias culturais e a aproximação

entre a arte e a juventude.

A CEM deu início ao projecto em Novembro de 2017, escolhendo 20 artistas locais, entre os membros da Associação dos Artistas de Belas-Artes de Macau e da Asso-

ciação dos Ilustradores de Macau. Os escolhidos tiveram que pintar pequenas caixas de distribuição de electricidade, com o cuidado de integrarem o seu trabalho no meio envolvente.

Criaram verdadeiras obras de arte, únicas, para contar as suas histórias a quem passa. As caixas estão espalhadas por diversas áreas, englobando a zona antiga e a nova Macau. Estão localizadas em pontos estratégicos, sendo divididas entre áreas turísticas e residenciais, na Taipa e na península de Macau.

Locais como a Avenida de Horta e Costa, a Avenida de Almeida Ribeiro ou a zona envolvente do Mercado Vermelho foram escolhidos pela

organização e cada artista teve direito a pintar uma caixa, sendo opcional que mostrassem a sua arte em apenas uma parte da caixa ou na caixa por inteiro.

Em 2018, a CEM decidiu alargar o projecto e os artistas começaram a dar cor e dinâmica a instalações ainda maiores. As novas caixas chegam a ter o tamanho de pequenos contentores de navio. Estas instalações maiores estão localizadas em três pontos: na Rua da Barca e junto ao Canidro-

mo, em Macau, e no Largo do Carmo, na Taipa. O posto de transformação foi dividido em quatro partes, e cada artista teve direito a pintar uma das fachadas.

A coordenadora deste projecto é Jaclyn Iun, gestora do Gabinete para os Assuntos Regulatórios e Comunicação Empresarial da CEM. À MACAU, a responsável faz um balanço positivo, considerando a iniciativa um sucesso, já que, como sublinha, tem sido bem vista por todos. “É divertido para os artistas e benéfico para comunidade. Todos saem a ganhar com esta iniciativa.”

As redes sociais também têm servido para avaliar o impacto do projecto. Jaclyn Iun lembra que, em 2018, integraram o projecto 20 caixas de electricidade, “e a resposta foi muito positiva, com muitos elogios aos trabalhos ma-

nifestados através do Facebook e outras redes sociais”. É com esse intuito que a responsável espera que o projecto cresça ainda mais e tenha visibilidade para os residentes, bem como “um contributo para a relação da população com a arte”.

Neste aspecto, o projecto da CEM assume a responsabilidade de se afirmar como um benefício artístico “muito positivo” para a população local, “pois ajuda a diversificar a atmosfera e o ambiente, alegrando e colorindo mais lugares que até aí estavam sem expressão artística”.

A Rua da Barca, zona residencial na península, é um dos exemplos. A instalação eléctrica ali localizada ganhou uma pintura do artista Pat Lam, da Associação de Ilustradores de Macau, denominada “Blend”. A pintura deu vida ao local sendo um ponto de paragem para tirar fotos e que prende olhares de admiração.

Segundo Jaclyn Iun, a iniciativa “não é algo crucial para a comunidade, porém, é algo bom e faz com que as pessoas possam apreciar os trabalhos dos artistas locais”.

E há mais exemplos de pinturas que alegraram o ambiente envolvente. “Bravery” do artista Tramy Lu, “Home”, obra feita por Ken Ho, ou “The Light of City”, realizada por Yolanda Kog, todos artistas da Associação de Ilustradores de Macau. Para além da promoção do trabalho dos artistas, a iniciativa da CEM “vem se tornando uma boa *nuance* para o turismo em Macau”, diz a gestora, “sendo muito positivo para os que vêm de fora”. Jaclyn Iun refere à MACAU que tem “muitos turistas que ficam impressionados com as pinturas e acham a iniciativa muito boa”.

O PROJECTO COMEÇOU EM 2017 COM UM GRUPO DE 20 ARTISTAS LOCAIS. DEPOIS DO RESULTADO TER AGRADADO, MAIS PONTOS DA CIDADE GANHARAM COR



Oportunidade para dar-se a conhecer

Os artistas locais também se mostram contentes com a iniciativa, por ser um meio de criação de espaços e oportunidades para muitos mostrarem a sua arte. É o caso de Wong Mei Leng, ilustradora e responsável pela escolha de artistas para o projecto. “Acho que é uma ideia muito boa. As pessoas podem aproveitar e apreciar os trabalhos dos artistas nas ruas de Macau, e isso faz com que os residentes se aproximem da arte.”

Para a ilustradora de 31 anos, o mercado artístico em Macau está em franco crescimento, mas ainda tem muito espaço para se desenvolver. “O senso artístico das pessoas que vivem em Macau é bem melhor do que antes, até mesmo as pessoas que não têm muito acesso à arte. E como artista eu sinto-me muito feliz em poder ver isso.”

Wong Mei Leng acredita que esta iniciativa é uma ótima forma de divulgação e dá um impulso para criar laços e aproximar artistas, residentes e turistas, além de ter o dom de dar vida a objectos, às vezes de grande dimensão, que geralmente passam despercebidos no dia-a-dia. “Este projecto é, certamente, muito positivo para a comunidade. Dificilmente a população notaria as caixas de electricidade nas ruas, mas depois de serem pintadas, o público presta muito mais atenção.”

Ao caminhar agora pelas ruas da cidade, é fácil encontrar pinturas com elementos ligados à natureza, ao corpo humano, a paisagens e até mesmo pessoas, pois os artistas tiveram liberdade para pintar o que quisessem, e, em virtude disso, diversos temas são abordados. Para Wong Mei Leng, este é um factor essencial para

o sucesso do projecto. “A população pode também sentir e receber o que os artistas querem transmitir através das pinturas. Sentimentos sobre formas de estar, animais e muito mais”, sublinhou.

Cindy Lio é artista da Associação de Belas Artes de Macau e acredita que este projecto ajuda a expor as sensibilidades de cada artista, além de ser um meio para propagar a arte entre pessoas que, por algum motivo, não têm o hábito de estar em contacto com expressões artísticas deste género. “Normalmente, para terem contacto com a arte, as pessoas costumam frequentar museus. Porém, muitos cidadãos não têm tempo para frequentar determinados locais. Por isso, este projecto tem extrema importância e chega a muitas pessoas.”

A artista aponta também a faceta da arte como forma de comunicação. “Quando colocada na rua, ao dispor de todos, a arte possui o poder de transmitir uma mensagem, sendo um processo de muita rapidez. A partir do momento em que uma pintura está finalizada, as pessoas já têm a capacidade de fixar a mensagem”, ressalta, frisando que as obras de arte que nasceram com o projecto são importantes também para a divulgação dos artistas localmente.

Cindy Lio não esquece ainda a inclusão social e defende o facto de este projecto, de algum modo, também exibir uma faceta de democratização no acesso à arte, passando uma mensagem de que a arte não está relacionada com a condição financeira de cada um ou outras diferenças sociais. “É um problema cultural, e para muitos países ocidentais a arte é necessária, assim como para



△ Cindy Lio diz que com este projecto mais pessoas entendem o que é arte

▽ Mini Wong chama a sua criação de “Love Story, Bu loves you”





nós chineses. Porém, culturalmente, a nossa população pensa que só quem é rico pode consumir arte.”

Há ainda uma oportunidade de fomentar o respeito pelos artistas locais e o seu trabalho. Cindy Lio não esquece a luta para que estes artistas sejam mais valorizados. “Na nossa cultura as pessoas acham que os artistas estrangeiros são melhores e isso não é verdade. Temos vários bons artistas em Macau, que por vezes podem não ter grandes apoios financeiros mas ainda assim criam obras e exposições com algum sucesso e acabam por ser mais reconhecidos lá fora.”

Ao longo deste ano, segundo Jaclyn Iun, ainda mais artistas vão continuar a dar cor à electricidade de Macau. 







A ópera e as festividades chinesas

A ópera chinesa, nos seus variados estilos, é uma das manifestações da cultura chinesa mais apreciada, nomeadamente como espectáculo ritual sempre presente nos aniversários das divindades. Em Macau, é a ópera cantonense que tem maior relevo, demonstrando assim a sua ligação profunda à religião e cultura populares



Texto | Fernando Sales Lopes

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

Embara a ópera fosse desde tempos imemoriais o espectáculo preferido do povo numa mistura de teatro com as canções populares, o certo é que o seu grande desenvolvimento ocorreu na Dinastia Qing (1644-1911), quando a ópera mais antiga do mundo começa a ser parte imprescindível das actividades rituais da corte. No palácio imperial desenvolve-se, então, à sua volta uma forte cultura que leva à criação de uma burocrática estrutura de nível superior, ao serviço do género, repartida por dezenas de departamentos especializados, que

tratavam, nomeadamente, da escolha e contratação de actores com o perfil exigido; da demissão dos que não correspondiam ao esperado; da qualidade dos textos quer a nível temático, quer do uso das línguas; da escolha de músicos virtuosos e das pautas quer ao nível da qualidade dos libretos quer das músicas; da arquitectura dos palcos; dos tipos de tecidos para as vestes dos personagens, entre outras. Resultante de todos os trabalhos sobre a ópera e da ópera surge, então, ao tempo do imperador Qianlong (1790) a Ópera de Pequim, que integrava em si diversos esti-

los de óperas apreciadas pelos imperadores que as iam conhecendo, chamando-as à corte para seu prazer, mas também para que os funcionários dos departamentos especializados respectivamente as apreciassem e estudassem, no sentido de absorverem o que lhes parecia inovador, diferente, e de melhor efeito performativo, para eventualmente introduzirem alguns desses elementos na ópera da corte de Pequim.

Ópera cantonense

A ópera cantonense, Património Intangível da Humanidade desde 2009, também

conhecida como ópera Yue, tem as suas origens na Dinastia Ming (1368 -1644), em Jia-jing. Contudo, as suas origens são dadas como remontando a dois séculos a.C. ainda num formato muito distinto do actual, ligada às centenárias

**NOUTROS
TEMPOS O PALCO
ESTAVA VEDADO
ÀS MULHERES,
TODOS OS
PAPÉIS ERAM
REPRESENTADOS
POR HOMENS**



**A MAIS RECENTE
 EVOLUÇÃO
 DA ÓPERA
 CANTONENSE DÁ-
 SE NO SÉCULO XX
 COM A CRIAÇÃO
 DE ESCOLAS DE
 ÓPERA**

canções tradicionais Qiyan. A ópera cantonense irá ao longo da sua história receber também influências de outras, nomeadamente das óperas de Hui, de Xiang, de Gui, e de Han, entre outras. Nos séculos XVI e XVII a ópera Yue começa a expandir-se por Guangdong e Guangxi, evoluindo nos tempos e criando uma gramática própria de representação, caracterização, guarda-roupa, textos e pautas musicais.

A ópera cantonense que já era uma arte muito popular em Guangdong, Guangxi, Hong Kong e Macau espalhou-se pelas comunidades chinesas do Sudeste Asiático, e nos territórios da diáspora, da América do Norte à Austrália.

Nos finais da Dinastia Qing, começa a ser cantada em dialecto cantonense, já que a transmissão ao povo das ideias revolucionárias republicanas assim o exigia. Mais tarde, com a invasão japonesa, os artistas de ópera procuraram segurança mais a sul, desenvolvendo a ópera no Delta do Rio das Pérolas. Mais uma vez o espectáculo será um meio importante para incutir no povo o espírito de revolta contra o invasor.

Renascimento da ópera cantonense

No início do século XX, as óperas de um modo geral são vítimas de criticismo

por alguns grupos de intelectuais e sofrem alguma estagnação até meados do século. A ópera cantonense afirma-se a partir do momento em que é construída a Ópera de Cantão, em 1958, a que se segue em 1960 a criação da Escola de Ópera Cantonense em Cantão, e dois anos depois é inaugurada a Escola de Ópera Cantonense de Zhanjiang. Pela primeira vez na história, a ópera atingira tal patamar.

A partir daí dá-se o renascimento e a modernização da ópera cantonense enquadrada no ensino com tudo o que ele arrasta, em termos de estudo, investigação, criatividade, profissionalismo em todos os sectores e componentes da arte operática. A evolução tem sido constante a todos os níveis, culminando recentemente, em termos materiais, na inauguração, em 2011 do novo Teatro Ópera de Cantão, um complexo de arte arquitectónica moderna que se desenvolve à beira do Rio das Pérolas, da autoria da renomada arquitecta iraquiana Zaha Hadid.

Macau e a Yue

A ópera cantonense está, podemos dizer, desde sempre no ADN das gentes de Macau, é o espectáculo a que a população não falta e anseia. Por isso, existem em Macau variadas associações de amantes do género artístico, que para além da realização frequente de espectáculos organizam recitais e concursos de canto de árias.

Os mais populares espectáculos de ópera em Macau acontecem no aniversário da divindade, tal como a festa de A-má no Largo da Barra, a festa de Tou Tei na Horta da Mitra, a festa de Tam Kong

em Coloane e a festa de Pak Tai na Taipa.

O palco da festa

Embora a exibição artística possa ser feita em casas de espectáculos, nomeadamente salas de teatro, a representação nos aniversários das divindades em Macau ocupa o espaço público.

Não existe qualquer estrutura fixa para albergar os espectáculos. A construção do pavilhão é ela própria plena de simbolismo para crentes e vizinhos que se colectam para a sua construção. Frente ao templo da divindade a homenagear, arma-se uma

gigantesca tenda de bambu onde, na sua presença e de outros seus companheiros divinos convidados, se realizam as cerimónias protocolares de abertura da festividade e os espectáculos de ópera.

Se não houver espaço de terceiro amplo para erguer o pavilhão haverá outra solução como sucede na Horta da Mitra, no aniversário de Tou Tei. Porque a exiguidade da viela onde o pequeno templo se encontra não permite construção de pavilhão, o próprio templo tem um terraço-palco onde decorrem as exhibições, espalhando-se o público pela rua.

EM MACAU EXISTE MAIS DE UMA DEZENA DE ASSOCIAÇÕES DE ÓPERA CANTONENSE REGISTRADAS

“Auto-China”, assim se chamava em Macau, no português da terra de outros tempos aos espectáculos de ópera que em tendas de bambu eram o divertimento da maior parte da população chinesa. O espectáculo não escolhe idades, mas na verdade são os mais idosos quem os esperam com mais ansiedade e os mais fiéis seguidores dos eventos anunciados em cartazes espalhados pela área com o programa e os retratos dos artistas já conhecidos pela sua arte, ou dos novos cantores e actores em ascensão.

Simbologia da caracterização

Um dos atractivos da ópera chinesa é, sem dúvida, a caracterização dos personagens. Pelas cores, incidência de traços e sombras, se distinguem os papéis femininos dos masculinos, os sérios dos cómicos, assim como as características de cada um.

A coragem e a virtude transparecem de uma face vermelha; a rectidão se for negra, mas branca é traição e força; azul, transmite a presença de um ser cruel e de temperamento selvagem; a bravura, como a força, será sempre amarela. São os próprios artistas os responsáveis pela caracterização do seu rosto em diversas fases. A técnica requer prática e mão firme. Olham-se ao espelho, conferem-se

as tintas e os pós: primeiro aplica-se a base, depois espalha-se pela face o pó branco, a seguir uma camada de rouge, e passa-se às tonalidades, sombreando um lado e outro do nariz com um tom escuro, uma sombra nas pálpebras, uma final pincelada preta nas sobrancelhas e é altura de pintar os lábios se o personagem for feminino; se for masculino colocará as barbas. Dão-se os retoques finais, espalhando-se pó branco pelas mãos e está terminada a maquilhagem.

Os adereços

No código de comunicação com o público, a ópera cantonense é perfeita. Através do guarda-roupa, da maquilhagem, dos diferentes penteados, dos vários artefactos que cobrem a cabeça, ou da disposição dos adereços pelo palco, se informa sobre o estatuto social, as atitudes que se esperam dos personagens, a sua idade e capacidades físicas ou intelectuais.

Um chapéu preto com uma asa de cada lado quer dizer que ali está um literato ou um superior administrativo. Aquele de capacete, de onde saem penas de cauda de faisão, é um general. Com uma coroa, claro só pode ser um rei; uma rainha terá um grande capacete feito de pedras preciosas.

Se no decorrer da cena a personagem tirar o chapéu, é sinal de grande frustração, ou na pior das hipóteses que está pronto a render-se. Também os penteados podem exprimir emoções: se um guerreiro balancear o seu rabo-de-cavalo isso significa a sua tristeza por ter perdido a batalha. Numa personagem feminina, o cabelo enrolado diz ser ela uma donzela. **M**



ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

**A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER
LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE**

Disponível na Apple Store e no Google Play,
a nova aplicação da MACAU em língua portuguesa
para telefones inteligentes e tablets disponibiliza,
em formato PDF, todas as revistas do site TV
Macau. Pode mesmo descarregar a edição pretendida
e lê-la, mais tarde, em modo offline.





 ARTE MACAU

O festival que quer transformar a vida artística da cidade

O “Arte Macau” arrancou em Junho e quer explorar novos caminhos para o desenvolvimento cultural e artístico da cidade. São cinco meses de arte nas ruas, museus, *resorts* e jardins da cidade, numa parceria entre o Governo, operadoras de jogo e cinco consulados estrangeiros da região

Texto | Catarina Domingues

Foto | Instituto Cultural de Macau

A vida de Grace Kelly, a actriz que se tornou princesa do Mónaco, musa de Andy Warhol

e de Alfred Hitchcock, está agora em exposição em Macau. Mais de 100 peças do acervo do Palácio do Prín-

cipe do Mónaco, entre fotografias e objectos pessoais da norte-americana, integram a mostra “Grace Ke-

lly: De Hollywood ao Mónaco - Homenagens aos artistas”, que pode ser vista até 28 de Agosto.



“Vai transportar o público numa viagem que abarca história, legado, moda e artes”, escreveu num comunicado o organizador, que criou uma galeria temporária, especialmente para a ocasião, com o apoio de Thomas Fouilleron, curador e director dos Arquivos e Biblioteca do Palácio do Príncipe do Mónaco.

A mostra sobre a vida da atriz-princesa integra a primeira edição do “Arte Macau”, festival internacional que ao longo de cinco meses vai trazer à cidade exposições, concertos e outras actividades culturais, e que resulta de parcerias com consuladados estrangeiros e também com *resorts* da região. É que o Governo de Macau quer um maior envolvimen-

to das operadoras de jogo na programação cultural local. Aqui alguns exemplos: até 3 de Setembro “Hua Yuan”, “uma experiência artística em pintura a tinta moderna”; até 6 de Outubro “Jardim das Delícias Terrenas”, uma selecção de peças de arte moderna e contemporânea de vários artistas, incluindo Herb Alpert, Robert Indiana ou Refik Anadol; “Tudo o que é Ouro Brilha”, com cerca de 80 obras-primas de cerâmica de mais de 20 artistas de todo o mundo.

O *website* oficial do festival refere, além disso, que esta primeira edição do “Arte Macau” vai contar ainda com a participação dos consuladados de Portugal, Japão, Itália, Hungria e Bélgica: “Cada



um dos quais organizará uma exposição de arte única, de acordo com os costumes e recursos culturais do seu país. Estas exposições irão proporcionar novíssimas experiências visuais ao públi-

co de Macau, promovendo o intercâmbio artístico e realçando a compreensão mútua entre regiões e países através de canais culturais”.

O Consulado-Geral de Portugal em Macau e Hong Kong preparou uma série de exposições e actividades relacionadas com o Dia de Portugal; a delegação japonesa em Hong Kong, em colaboração com a Tipografia Toppan, preparou uma exposição de cartazes sobre a cultura e as artes cénicas japonesas; Itália, por sua vez, explora as “Cores da Ásia” com pinturas do artista Francesco Lietti, subordinadas aos temas das viagens e descobertas; o Consulado-Geral da Bélgica em Hong Kong optou pela instalação visual e sonora “Anos Prósperos”, da du-



O alemão Alan Gerhardt actua com a Orquestra de Macau a 30 de Agosto



pla de artistas Benoit+Bo; e a exposição “Olhar o Credível – Tapeçarias de Zsuzsa Péreli” é uma iniciativa do consulado húngaro.

O poder de todas as artes
Espectáculos de música, dança e teatro integram ainda a programação do “Arte Macau”, que prevê para esta edição a realização de 40 actividades, incluindo eventos já existentes na região, como o Festival de Artes de Macau, as comemorações do Dia de Portugal e ainda o Festival Juvenil Internacional de Dança. Vários eventos vão sendo apresentados por fases, nomeadamente os concertos da Orquestra de Macau e da Orquestra Chinesa de Macau e os Festivais Juvenis Internacionais de Dan-

ça, Música e Teatro. Para estes cinco meses de arte, o Governo contribuiu com um orçamento de 16,6 milhões de patacas, enquanto as seis operadoras de jogo

entraram com três milhões de patacas cada, numa soma de 18 milhões.

“Um festival de artes de uma dimensão sem precedentes.” Foi assim que o Instituto Cultural da RAEM, um dos organizadores do evento, definiu a iniciativa, referindo em comunicado que esta pretende invocar “o poder de todas as artes do mundo para incentivar a criação artística local, potenciar o espírito humanístico de Macau e criar uma nova marca de turismo cultural”.

Também o secretário para os Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, Alexis Tam, sublinhou no dia da inauguração essa aposta no desenvolvimento cultural e artístico da região. “Hoje que estamos numa fase de desen-

volvimento económico, precisamos de uma Macau com espírito mais enriquecido e uma cultura mais requintada, pelo que o ‘Arte Macau’ vai assumir esta tarefa como sua responsabilidade, para que diferentes criatividades artísticas possam ser partilhadas e que mais inovações culturais dêem frutos em Macau”, sublinhou.

Alexis Tam disse ainda que o “mega-evento”, que decorre até finais de Outubro, deve desempenhar “um papel principal e vital na transformação de Macau num centro mundial de turismo e lazer e numa cidade criativa em gastronomia”.

“Assim como no cumprimento da missão que Macau deve assumir de se desenvolver como uma base de intercâmbio e cooperação onde coexistem diferentes culturas predominando a cultura chinesa, estipulada nas Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, reforçou o responsável.

SEGUNDO O IC, ESTE É “UM FESTIVAL DE ARTES DE UMA DIMENSÃO SEM PRECEDENTES”



1

Um exemplo do grafite criado no âmbito do Festival de Arte Urbana Outloud

2

Contemplação da Bondade Eterna, do artista Mok Yat San de Hong Kong

3

Grace Kelly: De Hollywood ao Mónaco

PROGRAMAÇÃO

EXPOSIÇÕES

Reminiscências da Rota da Seda – Exposição de Relíquias Culturais da Dinastia Xia do Oeste

Até 6 de Outubro

Museu de Macau, terça-feira a domingo, 10h00 – 18h00
Gratuito para residentes de Macau

Exposição Internacional de Arte

Até 31 de Outubro

Museu de Arte de Macau, 2.º andar

Museu de Macau, terça-feira a domingo, 10h00 – 19h00
Entrada livre

Grace Kelly: De Hollywood ao Mónaco

Até 28 de Agosto

Galaxy Macau, domingo a quinta-feira, 10h00 – 22h00
Entrada livre

Encontros Inesperados

Até 31 de Outubro

City of Dreams, diariamente
Entrada livre

Hua Yuan

Até 3 de Setembro

MGM Cotai, diariamente
Entrada livre

Tudo o que é ouro brilha: Cerâmica Glamorosa

Até 9 de Outubro

The Venetian, The Parisian, Sands e Four Seasons, diariamente
Entrada livre

Arte, apreciação, legado: Experiência de arte multi-dimensional de 360º

Até 31 de Outubro

Grand Lisboa, Jai Alai Oceanus, Ponte 16 e Regency Art Hotel, , diariamente
Entrada livre

Jardim das Delícias Terrenas

Até 6 de Outubro

Wynn Macau e Wynn Palace
Entrada livre

Interespaço

Até 31 de Outubro

Riviera Hotel
Entrada livre

2.ª Exposição Anual de Artes entre a China e os Países de Língua Portuguesa

Até 31 de Outubro

Avenida do Coronel Mesquita, 55-57
Entrada livre

Exposição de Pintura Chen Zhifo

Até 17 de Novembro

Museu de Arte de Macau

DANÇA

“O Cerco” (Companhia de Dança Contemporânea Yang Liping)

7 de Setembro, 20h00

Centro Cultural de Macau
Bilhetes a partir de MOP 100

Noite de luar de Haojiang

13 de Setembro, 20h00

Centro Cultural de Macau
Bilhetes a partir de MOP 100

ARTE URBANA

Festival Outloud 2019!

Zona envolvente da Praça de Ponte e Horta

TEATRO

Festival Juvenil Internacional de Teatro 2019

Até 8 de Setembro

Centro Cultural de Macau, Edifício do Antigo Tribunal, Casas-Museu da Taipa, Praceta do Museu de Macau

MÚSICA

Alban Gerhardt e a Orquestra de Macau

31 de Agosto, 20h00

Centro Cultural de Macau
Bilhetes a partir de MOP 150

Concerto de Abertura da Temporada 2019-2020 da Orquestra Chinesa de Macau

1 de Setembro, 20h00

Centro Cultural de Macau
Bilhetes a partir de MOP 150

INSTALAÇÕES AO AR LIVRE ATÉ 31 DE OUTUBRO

Santuário

João Ó e Rita Machado (Macau)
Jardim da Fortaleza do Monte

Árvore de fruto

Choi Jeong Hwa (Coreia do Sul)
Centro Cultural de Macau

Cabeças Felizes

Benoit+BO (Bélgica)
Praça de Jorge Álvares

Contemplação da Bondadeterna

Mok Yat San (Hong Kong)
Praceta da Arte, Centro Cultural de Macau

Cavalo Tripulado de Prata n.º 5

Yu Fan (Pequim)
Anim'Arte, Lago Nam Van

Vagabundo

Wong Ka Long (Macau)
Casas-Museu da Taipa



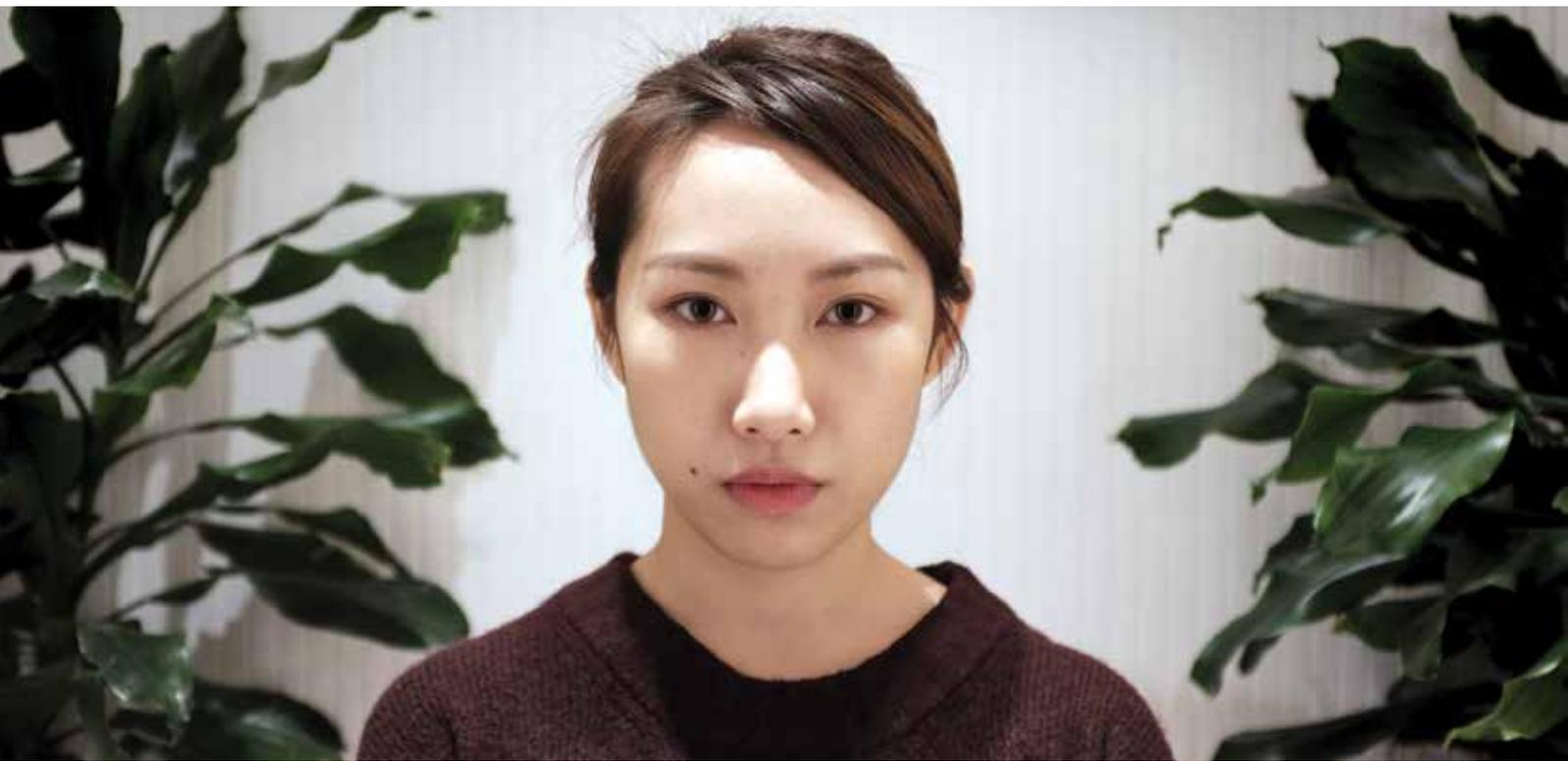
Levar a arte aos bairros

Um dos destaques da programação deste festival é a 2.ª Exposição Anual de Artes entre a China e os Países de Língua Portuguesa, para a qual foram convidados a expor artistas chineses e portugueses em vários locais da cidade.

“Serão igualmente organizadas palestras temáticas e visitas guiadas artísticas, levando o festival até aos bairros comunitários e promovendo a participação de pessoas de todos os quadrantes da sociedade, com vista a proporcionar a todos os residentes e visitantes um Verão artístico memorável, cultivando, ao mesmo tempo, o espírito humanístico através da arte e potenciando o panorama cultural da cidade”, lê-se no *website* do evento.

Entre os eventos e exposições

ao ar livre, o “Arte Macau” apresenta “Vagabundo”, uma série de 22 obras em fibra de vidro do artista local Wong Ka Long, inspiradas pelo poeta português Fernando Pessoa, que podem ser vistas nas Casas-Museu da Taipa. No Jardim da Fortaleza do Monte é possível encontrar por estes dias uma estrutura de bambu de sete metros. Trata-se de “Santuário”, projectado pelos arquitectos locais João Ó e Rita Machado. Já “Cabeças Felizes” é uma instalação da dupla franco-chinesa de artistas contemporâneos Benoit+Bo, que se encontra na Zona de Lazer da Praça de Jorge Álvares, e “Contemplação da Bondadeterna”, em torno do Museu de Arte de Macau, revela uma escultura de aço inoxidável do artista de Hong Kong Mok Yat San. M



LAI SUT WENG

“O que nos deu o direito de sermos donos de tudo?”

Um mundo sem presença humana. Existe apenas o que resta de uma vida de abundância. Movida pela emergência de reflectir sobre um mundo em crise, a jovem de Macau afasta-se assim da sua primeira série “The Squares”

Texto | Catarina Domingues

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

No telemóvel, Lai Sut Weng tem guardadas imagens de pelo menos três quadros da nova série que está a preparar

e que, no momento em que fazemos esta entrevista, não foram revelados ao público. Num deles observamos uma espé-

cie de arena de circo, animais a cercar uma tenda vermelha. “Que animais são? Representam uma ameaça para nós?”,

começa por questionar a artista. E prossegue: “A tenda triangular representa aqui o ser humano, com quem os animais já



tiveram uma relação de mais profunda coexistência. Mas neste momento, travam uma luta por espaço e recursos”.

O vácuo persiste na segunda imagem: três gaiolas vazias, gigantes, que se impõem no que parece restar de uma floresta. Na terceira e última pintura a óleo, encontramos uma sala, inabitada também, e um velho sofá, um pássaro morto entre almofadas, parte de um retrato de família. “Estou a tentar construir um mundo onde o ser humano não exista, onde estejamos à beira do desconhecido. Uma sensação de crise le-

**“ESTOU A TENTAR
CONSTRUIR UM
MUNDO ONDE
O SER HUMANO
NÃO EXISTA,
ONDE ESTEJAMOS
À BEIRA DO
DESCONHECIDO”**

vou-me a pensar neste tipo de questões, no aquecimento global, na luta pelos recursos”, diz em entrevista à MACAU.

A transição de Lai Sut Weng para uma nova linha artística, caracterizada pelo “pensar a existência humana”, aconteceu depois de se mudar para Cantão, onde frequenta há dois anos o mestrado em Artes Visuais na Academia de Belas Artes. Nesta viagem introspectiva, e mais pessoal, há uma questão essencial. “O que é que nos deu a nós, humanos, o direito de sermos donos de tudo?”, acrescenta Lai. “A arte não deve deixar de expressar visualmente uma cena, mas deve ter um papel maior, no

sentido de permitir às pessoas a abordagem de determinadas problemáticas”, considera.

“Nunca pensei ser artista”

Lai Sut Weng lembra-se de desenhar em pequena – “coisas comuns, simples” – mas os planos que tinha para o futuro eram outros: uma carreira como professora, um trabalho num banco ou numa agência de *marketing*. “Um emprego comum”, resume a artista, que considerava na altura essa a única forma de assegurar um rendimento mensal. “Antes de entrar na universidade nunca pensei ser artista”, reforça. Mas ainda no secundário, Lai começou a frequentar aulas

de pintura, uma das actividades extracurriculares da Escola para Filhos e Irmãos dos Operários, estabelecimento de ensino na zona do Fai Chi Kei. Foi aí que se cruzou com Wong Soi Lon, professor e artista de Macau. “Falámos sobre arte, ele apontou-me caminhos, inspirou-me a seguir a criação”, relembra agora a jovem, explicando que acabaria por ingressar na licenciatura de Artes Visuais, vertente Pintura a Óleo, no Instituto Politécnico de Macau. “Senti que tinha talento, que não o devia desperdiçar e que tinha mais interesse em artes do que na área dos bancos ou do marketing e, por isso, decidi dar uma hipótese”, conta. Nesses tempos universitários, Lai Sut Weng deu início à série de pinturas a óleo “The Squares”, pela qual hoje é mais conhecida. Nascida em Macau, a artista estava interessada em desenhar a cidade porque, como diz, “a paisagem é a representação mais directa de um lugar.” Lai subiu então ao topo da Fortaleza do Monte, observou de longe uma cidade velha, casas de telhados de zinco, que se materializaram em quadrados. “Gosto dos efeitos visuais dos fragmentos”, aponta a artista, justificando o nome da série.

Em “The Squares”, distinguimos paisagens e edifícios de Macau, mas à medida que nos aproximamos dos quadros, apercebemo-nos que as imagens vão ficando ligeiramente desfocadas. Isto porque na obra, Lai trata também a indiferença. E este não é apenas um retrato da cidade, mas da mudança. São lembranças passadas, ignoradas pelo tempo.

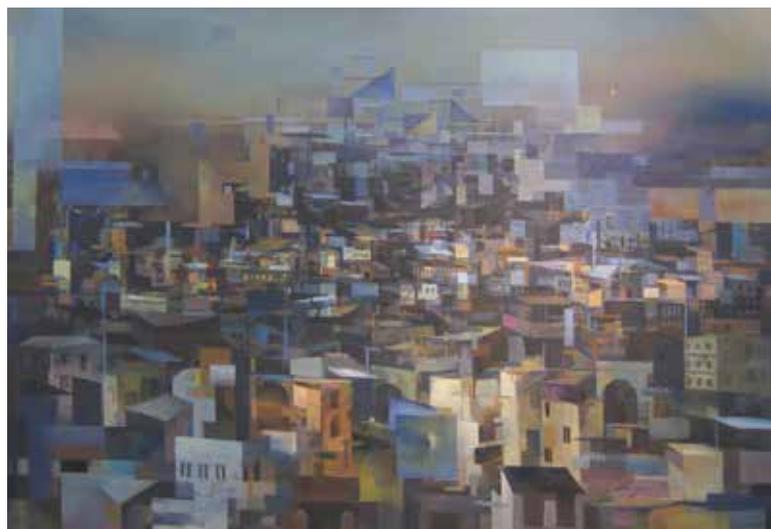
“Fui buscar referências ao impressionismo e ao cubismo”

Em Outubro de 2016, a artis-



ta estreou-se a solo em Macau com a série “The Squares” na exposição “Interposition – Works by Lai Sut Weng”, apresentada pela Art For All Society no espaço Macau Art Garden. Mas a primeira exposição individual da artista aconteceu fora, mais precisamente em Portugal. Com a pintura a óleo “Ruínas de S. Paulo” venceu o “Prémio Fundação Oriente/Artes Plásticas 2014”, que a levou a Lisboa, onde fez uma residência artística de um mês e inaugurou uma mostra individual na Galeria Arte Periférica, onde apresentou 10 obras.

“Torre de Belém” foi um dos três quadros que pintou durante esta residência. Sobre a



“ANTES DE ENTRAR NA UNIVERSIDADE NUNCA PENSEI SER ARTISTA”

criação, nota: “Neste trabalho dos quadrados, fui buscar referências ao impressionismo e ao cubismo. No cubismo, é comum retratar os diferentes lados do edifício, a parte frontal, de trás e os lados da estrutura. Já em relação às cores, as minhas referências são do impressionismo – do lado que re-



“NÃO DEVES TER MEDO DE MUDAR, DEVES ACEITAR QUEM ÉS. MESMO QUE O ESTILO ANTIGO E O ACTUAL SEJAM MUITO DIFERENTES, É A FORMA QUE EU TENHO DE ME EXPRESSAR”

cebe mais luz, usei cores mais quentes, atrás mais frias”, refere a artista, explicando ainda que, neste trabalho, optou por uma “abordagem mais informal, em oposição à digitalização, que é algo mais racional e estrutural”: “Não escolhi quebrar estruturalmente o lugar, como no efeito mosaico no Photoshop, mas optei por dividir o prédio de uma maneira mais informal”, diz.

“O meu estilo antigo estava mais amadurecido e abandoná-lo não é fácil”

Com a série “The Squares”, Lai admite que “estava mais focada na expressividade e no efeito visual das pinturas”. Para transitar para outro género de trabalho teve de abandonar a zona de conforto: “Não deves ter medo de mudar, deves aceitar quem és. Mesmo que o estilo antigo e o actual sejam muito diferentes, é a forma que eu tenho de me expressar. O estilo anterior estava mais amadurecido, tinha um mercado maior e abandoná-lo não é fá-

cil. O novo não tem aceitação de tantas pessoas, porque o valor estético não é reconhecido por tantas pessoas, mas quero manter-me verdadeira comigo própria, não tenho medo de mudar”, nota.

Nesta nova fase, em que a artista de Macau confronta a existência humana (e a sua própria existência), o pintor Edvard Munch é uma referência. Lai volta agora ao telemóvel para mostrar “Anxiety”, obra pintada em 1894 pelo artista norueguês. Faces de desespero revelam um estado depressivo.

“Consegues encontrar aí símbolos específicos, uma sensação de perturbação emocional. A estranha imagem dos quadros de Edvard Munch é provavelmente uma forma de entender o mundo, é a forma como ele o encara. Isso atrai-me”.

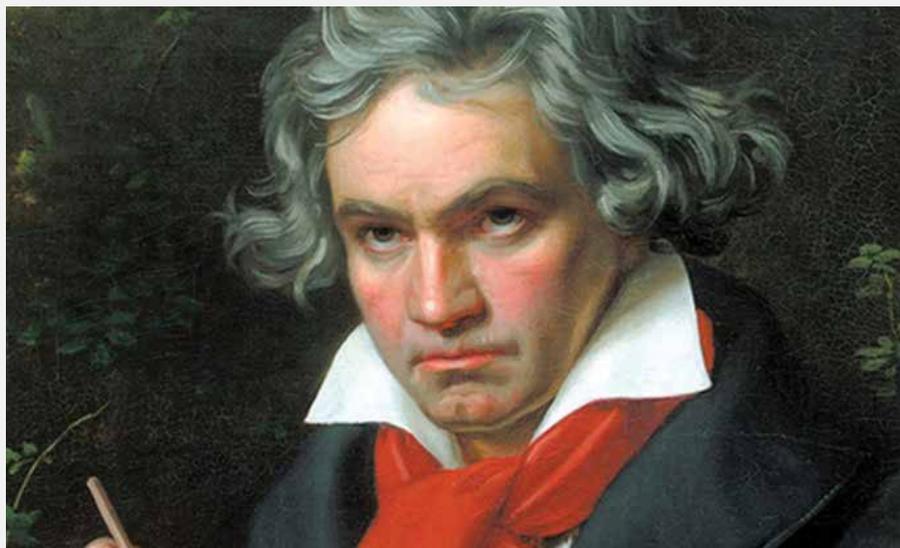
A meses de terminar o mestrado em Cantão, Lai assume que quer regressar a casa. E dar uma hipótese à arte. “Vou tentar, se os meus planos falharem, posso ser professora.” **M**





O pianista austríaco Rudolf Buchbinder e o violinista alemão Rainer Honeck celebram Beethoven na nova temporada de concertos da Orquestra de Macau, que arranca já no dia 31 de Agosto

Texto | Catarina Domingues



Orquestra de Macau 250 anos do nascimento de Beethoven

A presença de Rudolf Buchbinder em Macau faz com que comecemos este texto pelo final. Ou seja, é ao “maior pianista do mundo”, nascido na antiga Checoslováquia, que cabe o encerramento da próxima temporada de concertos da Orquestra de Macau, que assinala nesta edição os 250 anos do nascimento de Ludwig van Beethoven. Buchbinder vai subir ao palco do Grande Auditório do Centro Cultural de Macau (CCM) nos dias 24 e 25 de Julho de 2020 para os cinco concertos para piano daquele compositor austríaco.

“Um artista magistral, cuja compreensão profunda e interpretação requintada do trabalho de Beethoven é considerada padrão no campo da música internacional. Neste ‘concerto-maratona’, Buchbinder levar-nos-á numa jornada musical, refazendo os passos de Beethoven na música e na vida”, pode ler-se no programa de concertos, disponível no portal da Orquestra de Macau.

A nova temporada, que tem como tema “Amor-Beethoven”, arranca já no final deste mês e, segundo revelou durante o lançamento do evento Leong Wai Man, vice-presidente do Instituto Cultural. Além dos cerca de 30 concertos programados, a organização de

sessões com os músicos, de *master-classes* e visitas guiadas fazem igualmente parte do programa.

Mas vamos então ao início. No concerto de abertura, a 31 de Agosto, o violoncelista alemão Alban Gerhard e a Orquestra de Macau levam ao CCM três nomes grandes da música sinfónica: “A Abertura Carnaval, de Dvořák, ardentemente entusiasta, celebra a chama eterna da vida; Shostakovich usa o embate entre o violoncelo e o ensemble como uma metáfora dos conflitos do indivíduo com a sociedade; e a Sinfonia n.º 5 de Tchaikovsky, em que o compositor enfrenta o seu destino, numa obra que desenrola um drama que combina tristeza e felicidade”, refere o programa.

A fechar 2019, “Concerto de Ano Novo”, também no Centro Cultural, homenageia o vienense Johann Strauss e tem como protagonistas o maestro Thomas Rosner e a soprano Marysol Schalit.

Já em 2020, em Março, Rainer Honeck, concertino da Orquestra Filarmonica de Viena, leva à Igreja de São Domingos o “puro som de Viena” e as “tradições performáticas dos tempos de Beethoven e de Mozart”.

Cerca de um mês depois, este mesmo espaço vive “Uma noite com o melhor trombonista do mundo”, ou seja, com Christian Lindberg, que traz a Macau temas como “Abertura da ópera Oberon” do alemão Carl Maria von Weber e a “Sinfonia n.º 3 em Dó Maior” do finlandês Jean Sibelius.

O ano que se aproxima marca ainda o 50.º aniversário do Dia da Terra e a Orquestra de Macau traz “Um tributo à natureza”, concerto que associa música clássica e imagens digitais, que vão ser projectadas “na maior área do mundo de ecrãs LED interiores permanentes, no The Spectacle do MGM Cotai”, de acordo com um comunicado do Instituto Cultural.

Nesta edição vai ser lançado ainda o ciclo “Música Alegre”, em colaboração com o Teatro Platypus, do Canadá. O actor e compositor norte-americano, Paul Dooley, e o maestro associado da Orquestra Sinfónica de Singapura, Jason Lai, vão partilhar o palco para “três concertos dedicados a jovens afeiçoados de diferentes idades”.

Programa completo:
www.om-macau.org

AINDA ESTA TEMPORADA DA ORQUESTRA DE MACAU



Em diálogo com o violoncelo • A Orquestra de Macau junta-se ao maestro taiwanês Lü Shao-Chia e à violoncelista alemã Raphaela Gromes num concerto no Grande Auditório do Centro Cultural de Macau para tocar peças dos compositores Elgar, Schumann e Tchaikovsky.

11 de Janeiro de 2020
Centro Cultural de Macau
Bilhetes a partir de MOP 150



Concerto de Páscoa - Stabat Mater •

“Stabat Mater” é considerada a “Canção do Cisne” do compositor Giovanni Battista Pergolesi, que morreu ainda jovem, aos 26 anos. Para este concerto, a Orquestra de Macau convidou a soprano alemã Anna Karmasin e a mezzo soprano Susan Zarrabi. Além disso, o grupo de música sinfónica vai estrear o primeiro movimento da obra “Ecos da Velha Macau”, criada em 2016 pelo compositor local Lam Bun Ching.

11 de Abril de 2020
Igreja de São Domingos
Entrada livre



Concerto do Dia dos Namorados: Paixão Latina •

A acordeonista letã Ksenija Sidorova apresenta o Concerto “Aconcagua”, do compositor argentino Piazzolla e ainda “Carmen” e “L’Arlesienne” de Bizet. Sidorova começou a estudar acordeão aos oito anos de idade, encorajada pela avó. Foi a primeira acordeonista a vencer o *WCoM Prince’s Prize*.

14 de Fevereiro de 2020
Grande Auditório do Centro Cultural de Macau
Bilhetes a partir MOP 150



Sopros magníficos • Para o último concerto de música de câmara da época, a Orquestra de Macau vai apresentar o Quarteto para Fagote de Devienne, o Octeto para Sopros de Beethoven e o Arranjo para Quinteto de Sopros do bailado Quebra-nozes de Tchaikovsky. “Estas três peças provêm de diferentes países, diferentes períodos musicais e diferentes combinações instrumentais”, sublinha o programa.

18 de Julho de 2020
Teatro D. Pedro V
Bilhetes a partir de MOP 100



Heidi Lau recria o que se perdeu no tempo

Em “Aparição”, Heidi Lau reinventa Macau. Dez esculturas de cerâmica, que se assemelham a ruínas ou relíquias históricas, transportam o público ao longo de uma viagem artística e a um mundo de espíritos e crenças

Texto | Catarina Domingues

A “Aparição”, trabalho de Heidi Lau seleccionado para representar Macau na 58.ª Bienal de Veneza, e que se encontra agora em exposição no Museu de Arte de Macau (MAM), propõe uma ficção alternativa para a cidade. É uma espécie de estratégia para lidar com a realidade política e social de um espaço que se transforma diariamente. A recriação do que se tem vindo a perder no tempo. “Heidi expressa as suas visões políticas e reinventa a cidade e a sua identidade, através da reformulação epi-

ritual das memórias que tem do solo natal, reflexão retrospectiva sobre as ruínas da cidade e referências a mitos de fantasmas e deuses”, escreve numa nota introdutória à mostra a curadora Sio Man Lam.

Ao todo, estão expostas 10 obras de cerâmica que se assemelham a ruínas ou vestígios históricos, com detalhes que revelam imagens taoistas e mitológicas, e que estão divididas em quatro grupos: “Aparição I: Memórias Primitivas”; “Aparição II: A Casa Ancestral”, “O Momento Contemporâneo: Apre-



dendo com o Casino” e “Nostalgia Reflexiva: O Antigo Jardim Recreativo”. Num texto que se pode ler no *website* do MAM, a presidente do Instituto Cultural sublinha que o projecto “pretende oferecer aos espectadores um vislumbre do passado carregado de história e dos impulsos criativos que atravessam a arte contemporânea de Macau”. Mok Ian Ian salienta: “O título da exposição ‘Aparição’, no latim original, referia-se à epifania do filho de Deus, e denota a manifestação súbita de um ser ou espectro. Assim, o título abrange a Macau cultural e histórica – antes chamada de “a Cidade do Santo Nome de Deus” –, ao mesmo tempo que ilustra a sua nova encarnação no século XXI como um centro mundial de turismo e lazer. Através de formas bizarras de expressão, a artista induz os visitantes a reflexões profundas”.

Este ano, o tema da Bienal de Veneza foi “Tempos Interessantes”, título retirado da expressão “May You Live in Interesting Times” (“Que vivas tempos interessantes”, numa tradução livre), e que remete para uma antiga maldição chinesa que desejava ao visado, tempos de incerteza, crise e turbulência, e que, segundo o curador responsável Ralph Rugoff são um espelho da actualidade.

Heidi Lau representou Macau pela sétima vez na Bienal de Veneza, que inaugurou este ano a 11 de Maio.

A artista de Macau vive e trabalha actualmente em Nova Iorque, e tem exposto em instituições locais e internacionais, como o Museu de Artes e Design, Museu de Arte do Bronx, e Museu dos Chineses na América, em Nova Iorque, no Museu de Arte de Macau, entre outros. A sua prática tem sido apoiada por numerosas residências e prémios, incluindo a Sociedade de Artistas Emergentes do Socrates Sculpture Park, e bolsas da Fundação Martin Wong e do Programa de Pintores e Escultores da Fundação Joan Mitchell.

Museu de Arte de Macau
Até 10 de Novembro de 2019
Entrada livre

PARA VER



Museu de Arte de Macau
Até 4 de Novembro de 2019
Entrada livre



Exposição de Obras Novas na Colecção MAM – Ko Lai Chit • O fundador da Escola Lingnan, Ko Lai Chit, cobriu uma temática extensa, de pássaros e animais a paisagens, flores e retratos, enquanto se distinguiu também na caligrafia chinesa com excelentes trabalhos de escrita cursiva, escrita grande de sinete, escrita de oráculo e escrita de bronze. Nesta mostra, o MAM mostra ao público um conjunto de pinturas, doado recentemente, numa zona especialmente criada para exibir as novas aquisições.

Museu de Arte de Macau
Até 10 de Novembro de 2019
Entrada livre



A Era de Ouro da Ciência Árabe: Exposição de 1001 Invenções • Com mais de 60 exposições interactivas, curtas-metragens, workshops, entre outras actividades, a exposição apresenta a história de desenvolvimento científico a partir do século VII na região que conhecemos hoje como o Médio Oriente. A mostra tem como objectivo mostrar um legado científico e cultural que ainda hoje influencia as nossas vidas e promover a diversidade na ciência e a valorização intercultural.

Museu de Ciência de Macau
Até 27 de Outubro de 2019
Bilhetes a MOP 25



Até 21 de Setembro
Casa Garden, Macau
Entrada livre

Poesia lírica – Trabalhos de Artistas de Macau e Portugal da Colecção do MAM • A exposição apresenta mais de 90 obras destacadas da colecção MAM, desde pinturas a óleo, acrílicos e aguarelas, a pinturas de técnica mista, esculturas e instalações. Entre os 60 autores representados, há artistas chineses e macaenses, bem como artistas portugueses que se estabeleceram ou exibiram em Macau.

Macau: 100 Anos de Fotografia • Uma mostra documental sobre a evolução da cidade, os seus costumes, tradições e vivências, bem como acontecimentos marcantes da sua história entre 1844 e a década de 1940. Nela podem ser vistas ampliações de imagens colhidas por Jules Itier em 1844, além de trabalhos de alguns dos mais importantes fotógrafos chineses, portugueses e de outras nacionalidades.



Três dos 14 pioneiros em destaque: Robert Ho Tung, Zhang Tian-you e Lou Kau

Os 14 pioneiros da história de Macau

O livro *Pioneiros de Macau* do autor britânico Mark O'Neill relembra a vida de mais de uma dezena de personalidades chinesas que se destacaram na história da cidade durante “os seus períodos dramáticos de riqueza e de pobreza”. Entre os 14 nomes, encontra-se o de Florence Li Tim Oi, primeira vigária da Igreja Anglicana e a única mulher retratada na obra

Texto | Catarina Domingues

Xian Xinghai, Lou Kau, Lou Lim Ieoc ou Robert Ho Tung são nomes de personalidades históricas que frequentemente relacionamos a Macau. Isto porque a existência destes homens também se perpetuou no espaço público: uma via na zona do NAPE recebeu o nome de Xian Xinghai, músico patriótico e compositor do hino de resistência da China contra o Japão; a casa onde viveu Lou Kau, comerciante, filantropo e “o pri-

meiro rei do jogo de Macau”, tornou-se num museu; Lou Lim Ieoc deu nome a um jardim ao estilo de Suzhou; e Robert Ho Tung a uma biblioteca.

Mas a história da pequena cidade fez-se ainda de outros nomes menos conhecidos do público. O livro *Pioneiros de Macau: A história de 14 chineses que ajudaram a construir a cidade*, de autoria de Mark O'Neill, relembra alguns deles: Zhan Tian-you, responsável pela primeira linha

ferroviária construída na China sem assistência externa; Wong Man-dat, o primeiro fotógrafo profissional chinês em Macau, ou Leung Yan-ming, pioneiro da educação moderna local e ativista político.

“Através das suas vidas, o leitor pode obter uma compreensão pormenorizada da história de Macau e dos seus períodos dramáticos de riqueza e de pobreza”, pode ler-se numa introdução à obra, que integra a “Coleção Suma Oriental” do



Instituto Internacional de Macau.

Entre as 14 personalidades destacadas pelo jornalista e escritor britânico, de referir Florence Li Tim Oi, primeira vigária da Igreja Anglicana, que apoiou a comunidade de Macau durante a II Guerra Mundial e que no período da Revolução Cultural foi forçada a trabalhar numa fábrica de produtos químicos. É a única mulher retratada no livro. “Na história de Macau, por várias razões, os homens tinham mais oportunidades de trabalhar, de fazer negócio, de trabalhar na igreja ou no governo e, por isso, [as mulheres] tinham um papel menos proeminente na vida pública”, justifica o autor em entrevista à MACAU.

Durante a II Guerra Mundial, Macau foi a única cidade no leste da Ásia que escapou à ocupação japonesa e foram várias as personalidades que se destacaram durante este período, realça a obra. “Foram tempos pouco comuns em Macau, porque a população triplicou. Macau não tinha tido até então tantas pessoas ali a viver e com a guerra na China, Hong Kong, na província de Guangdong, as condições de vida eram extremamente difíceis. Era muito difícil para Macau obter produtos e mercadorias para alimentar as pessoas. E nestas condições excepcionais, claro que sobressaem pessoas excepcionais. Especialmente esta vigária anglicana foi alguém que trouxe mudanças”, acrescenta o autor.

Mark O’Neill, natural de Londres, mudou-se para Hong Kong em 1978, tendo vivido desde essa altura na Ásia e trabalhado em diferentes meios de comunicação social, como a agência *Reuters* e o jornal *South China Morning Post*. É autor de 10 obras – a maioria traduzida para chinês – incluindo *The Second Tang Dynasty: The 12 Sons of Fragrant Mountain Who Changed China* (2014), *The Miraculous History of China’s Two Palace Museums* (2015) e *Israel and China: from the Tang Dynasty to Silicon Wadi* (2018).

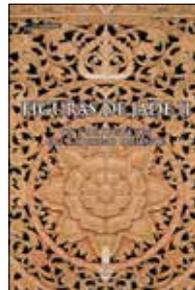
Pioneiros de Macau: A história de 14 chineses que ajudaram a construir a cidade foi publicado originalmente em inglês, em 2018. A tradução para português é de Fernando Correia.

Pioneiros de Macau: A história de 14 chineses que ajudaram a construir a cidade

Mark O’Neill

Instituto Internacional de Macau, 2019

PARA LER



Figuras de Jade II: Os Portugueses no Extremo Oriente

António Aresta, Instituto Internacional de Macau | 2019

“Um singelo roteiro de afinidades, saberes e sensibilidades dos portugueses, ou estrangeiros com ligações à cultura portuguesa, no Extremo Oriente”, escreve o Instituto Internacional de Macau no seu website sobre a obra, que reúne 33 biografias. O primeiro volume foi publicado em 2014.

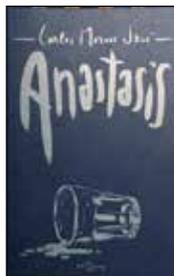


De Macau a Lisboa: Na Rota das Porcelanas Ming

Armando J. G. Sabrosa, Instituto Cultural de Macau/Centro de Estudos Históricos/Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa | 2019

De autoria de Armando J. G. Sabrosa (1979-2006), a obra resulta das “Bolsas de Investigação Académica”, atribuídas pelo Instituto Cultural de Macau. O conteúdo deste trabalho centra-se no estudo de porcelanas provenientes das

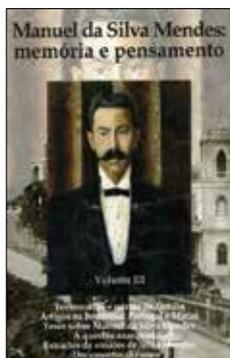
excavações arqueológicas realizadas em Macau, na zona do Colégio de São Paulo e na Fortaleza do Monte, em 1995.



Anastasis

Carlos Morais José, Abysmo | 2019

A obra de Carlos Morais José, publicada pela primeira vez em Macau em 2013, tem uma nova edição, revista e aumentada – foram adicionados os dois novos capítulos “Egipto” e “Terra Santa” e novos poemas a este relato poético de viagem.



Manuel da Silva Mendes: Memória e Pensamento

Coordenação de António Aresta e Rogério Beltrão Coelho, Livros do Oriente | 2019

Terceiro e último volume da colectânea Manuel da Silva Mendes: Memória e Pensamento. O livro abre com as comunicações dos lançamentos do primeiro volume em Macau e do segundo em Lisboa e um testemunho de família, da bisneta Maria dos Anjos da Silva Mendes. A edição reúne ensaios e estudos sobre o autor e o que ele escreveu na imprensa, em Portugal e em Macau, entre outros trabalhos.

DÉCADA de
1960

Inauguração do Istmo Taipa-Coloane



A 2 de Junho de 1968, as ilhas de Coloane e da Taipa ficavam ligadas para sempre através da construção de um istmo. Esta fotografia, tirada precisamente no dia em que a ligação foi inaugurada, revela o momento em que o carro do governador José Nobre de Carvalho se aproxima do arco comemorativo.

Sobre a abertura do istmo, diz o Boletim Geral do Ultramar de Junho de 1968: “Num gesto pleno de simbolismo, o casal mais idoso do concelho das Ilhas, depois da inauguração oficial, deu os primeiros passos na nova estrada, no meio dos maiores aplausos da assistência. As populações das duas ilhas ficam, assim, mais estreitamente irmanadas, podendo aju-

dar-se, mutuamente, no desenvolvimento dos seus recursos naturais que oferecem incontestável abundância, sendo a primeira vantagem desta ligação a possibilidade de Coloane fornecer água potável à Taipa, onde ela escasseia”.

Com 2225 metros de comprimento, a obra custou quatro milhões de patacas. Ao longo da década de 1990, o istmo foi sendo alargado na sequência de obras de aterro. Já após a transferência de soberania de Macau, os aterros expandiram-se, dando lugar ao COTAI (nome em língua portuguesa que deriva das primeiras sílabas de “Coloane” e “Taipa”), área onde estão hoje localizados vários dos *resorts* da cidade. 📍

Foto | Álbum Macau 1844-1974, Fundação Oriente, 1989



葡語國家食品資料庫
BASE DE DADOS DOS PRODUTOS
ALIMENTARES DOS PAÍSES DE
LÍNGUA PORTUGUESA
PORTUGUESE-SPEAKING
COUNTRIES
FOOD PRODUCTS DATABASE

中葡雙語人材資料庫
BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS
QUALIFICADOS EM CHINÊS
E PORTUGUÊS
CHINESE-PORTUGUESE BILINGUAL
PERSONNEL DATABASE

專業服務供應商
FORNECEDORES DE
SERVIÇOS PROFISSIONAIS
PROFESSIONAL SERVICE PROVIDERS

會展資訊
INFORMAÇÃO SOBRE
CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES
CONVENTION AND
EXHIBITION INFORMATION

經貿信息
INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL
ECONOMIC AND TRADE INFORMATION

法規資訊
LEIS E REGULAMENTOS
INFORMATION ON LEGISLATIONS

中國-葡語國家 經貿合作及人才信息網

PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA
ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE
RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA
E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA
ECONOMIC & TRADE CO-OPERATION
AND HUMAN RESOURCES PORTAL
BETWEEN CHINA AND PORTUGUESE
-SPEAKING COUNTRIES



- 主辦單位 :
- Entidades Organizadoras :
- Organisers :

- 中華人民共和國商務部
- Ministério do Comércio da República Popular da China
- Ministry of Commerce of the People's Republic of China
- 澳門特別行政區政府經濟財政司
- Secretaria para a Economia e Finanças da RAEM
- Secretariat for Economy and Finance of the Macao SAR Government

- 承辦單位 :
- Entidade Coordenadora :
- Co-ordinator :



Instituto do Promócio do Comércio e Investimento do Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute



心動之美 藝文薈澳

Arte Viva, Arte Macau.

Art Alive, Art Macao.



藝文薈澳

Arte Macau



@ Instagram / ArtMacao

f Facebook / IC Art

☞ We Chat / ICMacao

#ARTMACAO

Junho - Outubro

Arte Macau: Exposição Internacional de Arte

Exposição Principal / Exposições de Arte Organizadas por Hotéis e Estâncias Turísticas Integradas / Instalações de Arte ao Ar Livre / Exposições Organizadas por Consolados Estrangeiros

Exposições de Artes Visuais das Instituições do Ensino Superior de Macau /

Actividades Performativas em Grande Dimensão / Festival Juvenil Internacional de Dança / Festival Juvenil Internacional de Música / Festival Juvenil Internacional de Teatro

Organizadora:

澳門特別行政區政府文化局
Secretaria para os Assuntos Sociais e Cultura
Governo da Região Administrativa Especial de Macau
Secrétariat des Affaires Sociales et Culturelles
Gouvernement de l'Étranger Spécial d'Administration de Région

Organizadora:

文化局
INSTITUTO CULTURAL

澳門特別行政區政府
Governo da Região Administrativa Especial de Macau
Secrétariat des Affaires Sociales et Culturelles
Gouvernement de l'Étranger Spécial d'Administration de Région



www.artmacao.mo

Co-organizadora:



澳門特別行政區政府
Direcção dos Serviços do Ensino Superior
Higher Education Bureau



澳門旅遊局
MGM
新濠



金沙中國
SANDS CHINA



澳門
Macao

山光集團有限公司
SANG GUAN GROUP LIMITED